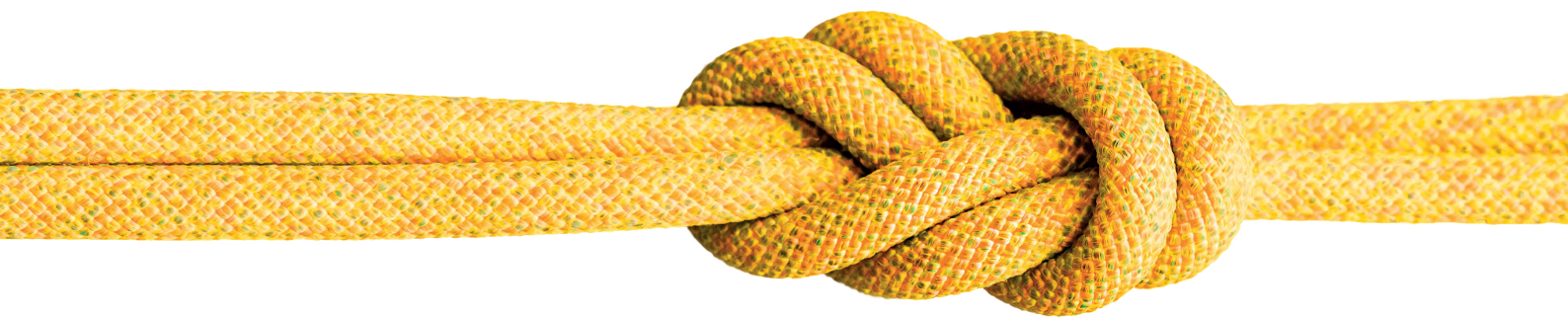


UMA EUROPA SEGURA

**RELATÓRIO DE
ATIVIDADES
2022**

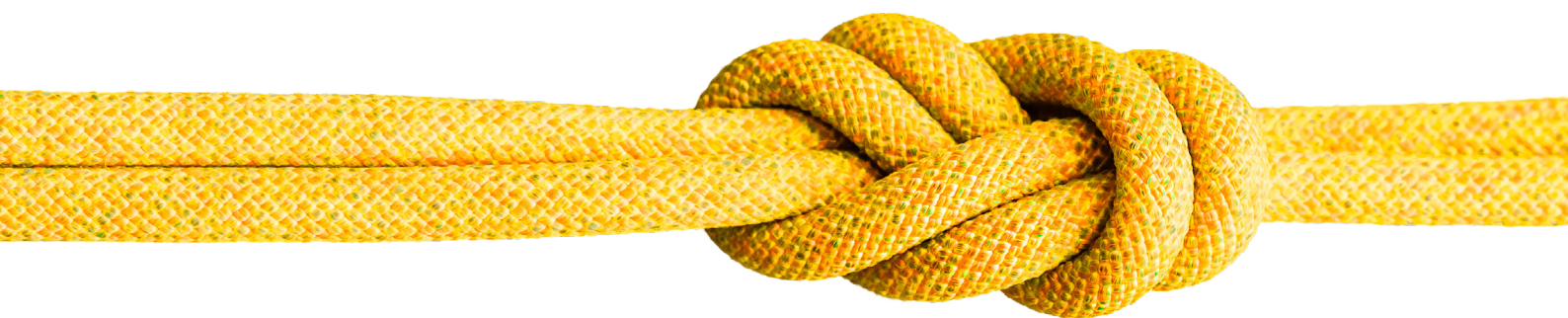


**Banco Europeu
de Investimento**

BANCO EUROPEU DE INVESTIMENTO

UMA EUROPA SEGURA

**RELATÓRIO DE
ATIVIDADES
2022**



**Banco Europeu
de Investimento**

Relatório de Atividades 2022 do Banco Europeu de Investimento

© Banco Europeu de Investimento, 2023.

98 -100, boulevard Konrad Adenauer

L-2950 Luxembourg

+352 4379-1

info@eib.org

www.eib.org

twitter.com/eib

facebook.com/europeaninvestmentbank

youtube.com/eibtheeubank

Reservados todos os direitos.

Todas as questões relacionadas com direitos e licenças devem ser dirigidas a publications@eib.org.

Para mais informações sobre as atividades do BEI, consulte o sítio Web em: www.eib.org.

Pode também contactar info@eib.org. Subscriba o nosso boletim de informação eletrónico em www.eib.org/sign-up.

Publicado pelo Banco Europeu de Investimento.

Impresso em papel FSC®.

O QUE PODE LER NESTE RELATÓRIO

Ainda mal o mundo começara a virar a página de uma crise – a pandemia de COVID-19 – já uma nova eclodia às portas da Europa: a guerra. A invasão da Ucrânia pela Rússia desencadeou uma crise humanitária de dimensões impressionantes que forçou milhões de mulheres e crianças ucranianas a abandonar as suas casas e a procurar refúgio numa **Europa segura**.

A guerra na Ucrânia e a profunda deterioração das relações com a Rússia, o maior fornecedor de energia da Europa, fizeram-nos despertar. A União Europeia está agora a sofrer, na primeira pessoa, os riscos para a sua **segurança energética** e as ameaças à sua **autonomia** causadas pela dependência excessiva de uma potência estrangeira para o fornecimento de um produto de base tão essencial.

Noutras partes do mundo, a guerra fez-se sentir no aumento dos preços dos produtos alimentares, o que realça a importância das **ligações globais**.

Entretanto, o relógio continua a contar o tempo que nos resta para evitar alterações climáticas catastróficas.

O presente relatório mostra-nos as respostas do Banco Europeu de Investimento aos desafios de 2022. A começar pelos trabalhos de reconstrução em curso nas vilas e cidades destruídas da Ucrânia e pelo apoio aos refugiados, até ao compromisso inabalável do Banco no combate à ameaça global das alterações climáticas. O relatório ilustra de que forma o apoio do BEI à eficiência energética e às energias renováveis faz parte da solução para as necessidades de segurança energética da União Europeia e para a consecução dos seus objetivos em matéria de clima. Mostra também como o apoio à **inovação** e às tecnologias revolucionárias traz benefícios tangíveis para a competitividade económica da Europa, para os seus objetivos climáticos e para a sua **autonomia**. O relatório evidencia igualmente o contributo da EIB Global, a nova direção do Banco dedicada ao desenvolvimento internacional, para um maior bem-estar em todo o mundo.

O relatório descreve o contexto para estes investimentos: desde as linhas estratégicas expostas no Prefácio do Presidente aos dados sobre as atividades de financiamento e de captação de recursos do Banco, passando pelas perspetivas para o próximo ano nos destaques do Plano de Atividades do Grupo.

Como instituição financeira comprometida com o multilateralismo e o estabelecimento de parcerias, o BEI tem a ambição de ajudar a construir um amanhã melhor, investindo já hoje no futuro. O presente relatório revela o modo como o faz.

ÍNDICE

3	O QUE PODE LER NESTE RELATÓRIO
6	PREFÁCIO DO PRESIDENTE
8	FACTOS MARCANTES DE 2022 DADOS RELATIVOS AOS FINANCIAMENTOS E AO SEU IMPACTO
10	O BEI NO SEU PAÍS FINANCIAMENTOS POR PAÍS
12	O BEI NO RESTO DO MUNDO FINANCIAMENTOS NO EXTERIOR DA UNIÃO EUROPEIA
14	SEGURANÇA ENERGÉTICA
16	UCRÂNIA: ENQUANTO FOR NECESSÁRIO
18	UCRÂNIA: AQUI, NÃO SERÁ HASTEADA NENHUMA OUTRA BANDEIRA
19	POLÓNIA: AS NECESSIDADES DOS REFUGIADOS
20	EFICIÊNCIA ENERGÉTICA: PEDRA A PEDRA SE CONSTRÓI A EFICIÊNCIA ENERGÉTICA
21	HABITAÇÃO SOCIAL COM EFICIÊNCIA ENERGÉTICA: EM SINTONIA COM OS DESAFIOS DO MOMENTO
22	ENERGIAS RENOVÁVEIS: INSTALAR TURBINAS EM PLENO MAR
25	ENERGIAS RENOVÁVEIS: IMPULSIONAR A INOVAÇÃO NO SETOR EÓLICO
26	HIDROGÉNIO: UM DOS COMBUSTÍVEIS DO FUTURO
27	CHIPRE: TORNAR AS CIDADES CIPRIOTAS MAIS VERDES
28	ITÁLIA: O ÚLTIMO QUILOMETRO VERDE
30	INOVAÇÃO E AUTONOMIA
32	AGRICULTURA: BETERRABAS RESISTENTES A DOENÇAS
34	AGRICULTURA: CAPITAL DE RISCO PARA O JANTAR: ALGUÉM É SERVIDO?
35	ROBÓTICA: A ASCENSÃO DOS ROBÔS DE ENTREGA
36	ECONOMIA DIGITAL: CRIAR LÍDERES DA INTERNET DAS COISAS
37	CIÊNCIAS DA VIDA: MEDICAMENTOS PARA MATAR O CANCRO
38	ECONOMIA DIGITAL: O FUTURO NÃO SERÁ BINÁRIO
40	INVESTIMENTO DE IMPACTO: EM BUSCA DE UM SENTIDO
42	CIÊNCIAS DA VIDA: CÉLULAS PARA CURAR A INCONTINÊNCIA
44	LIGAÇÕES GLOBAIS
46	PALESTINA: HARMONIZAR O MICROFINANCIAMENTO
48	BRASIL: OPORTUNIDADES PARA AS MULHERES NO SETOR ELÉTRICO
49	BENIM: ENERGIA SOLAR PARA A ÁFRICA RURAL
50	SENEGAL: CONFORTO É TER ÁGUA CORRENTE
52	ÍNDIA: SEMENTES DE ARROZ EFICIENTES
54	BANGLADEXE: HOSPITAIS FLUTUANTES EM ÁGUAS REVOLTAS
56	FACTOS MARCANTES DA CAPTAÇÃO DE FUNDOS
58	PLANO DE ATIVIDADES DO GRUPO E GOVERNAÇÃO

PREFÁCIO DO PRESIDENTE

Em 2022, o Banco Europeu de Investimento fez parte integrante da resposta da UE aos numerosos desafios surgidos durante o ano, desde a terrível invasão da Ucrânia à crise energética provocada pelo conflito.

O Grupo BEI – o Banco e a sua filial para as pequenas empresas, o Fundo Europeu de Investimento – assinou acordos de financiamento no valor total de 72,5 mil milhões de EUR, em 2022. Cada euro foi destinado à promoção da sustentabilidade e da resiliência na Europa e no resto do mundo. Cumprimos o que prometemos. Superámos as nossas metas. Fizemos a diferença.

Porque por detrás dos números imensos está um impacto real e tangível.

O Banco está a apoiar a próxima geração de biofármacos contra o cancro na Suécia. Na Finlândia, financiou o desenvolvimento e a comercialização de computadores quânticos. Em Espanha, está a ajudar a transformar óleo alimentar usado em energia limpa e a captar energia solar para produzir hidrogénio verde. Existem muitos outros projetos deste tipo, alguns dos quais são apresentados neste relatório.

Produzir impacto e colmatar lacunas de investimento

A crise energética depauperou os orçamentos de investimento dos governos e das empresas. Isto acontece num momento em que deveríamos, precisamente, investir mais para combater as alterações climáticas e pôr termo à nossa dependência do petróleo e do gás russos. Existe o risco de agravamento de lacunas de investimento crónicas. Se não forem colmatadas, a Europa será menos competitiva e menos atrativa para as empresas.

Os eventos de 2022 provam que a descarbonização é o único caminho fiável para garantir aos europeus uma energia segura e acessível. É por isso que a nossa resposta determinada é tão importante. Redobramos os nossos esforços para apoiar uma transição ecológica e inovadora.

A chantagem da Rússia em relação ao fornecimento de gás mostrou que o Banco Europeu de Investimento tomou a decisão acertada ao cessar o financiamento de infraestruturas de combustíveis fósseis para se concentrar nas energias limpas. É agora claro para todos que o futuro depende de fontes de energia mais limpas e sustentáveis.

O financiamento atribuído pelo BEI às energias limpas alcançou em 2022 o valor recorde de 19,4 mil milhões de EUR. Para aumentar a segurança energética, o Banco apoiou a modernização da rede elétrica checa e acelerou a integração das energias renováveis na rede energética polaca. Em França, financiou parques eólicos flutuantes – uma tecnologia que nos permite levar a produção de energia limpa para águas mais profundas. O financiamento do BEI ajudará a construir um cabo de 1 000 quilómetros de extensão para ligar as centrais de energias renováveis da Sicília e da Sardenha à rede elétrica de Itália. Com o pacote de apoio à iniciativa REPowerEU, o BEI atribuirá mais 30 mil milhões de EUR em empréstimos no setor da energia e financiamento por capitais próprios a projetos energéticos de elevado impacto nos próximos cinco anos (para além das atividades de financiamento correntes do Banco). Os 36,5 mil milhões de EUR em empréstimos climáticos e ambientais concedidos em 2022 apoiaram 147 mil milhões de EUR em investimento verde de outras entidades. Estamos, portanto, no bom caminho para alcançar o objetivo de mobilizar 1 bilião de EUR a favor do nosso planeta até ao final da década.

Uma resposta imediata

É desta forma que o BEI está a responder ao desafio a longo prazo das alterações climáticas. A nossa resposta à ameaça premente que resultou da invasão da Ucrânia é outra realização importante de 2022.



“ Os eventos de 2022 provam que a descarbonização é o único caminho fiável para garantir aos europeus uma energia segura e acessível. É por isso que a nossa resposta determinada é tão importante. Redobramos os nossos esforços para apoiar uma transição ecológica e inovadora. ”

Graças ao apoio do orçamento da UE, foi possível prestar auxílio ao Governo ucraniano apenas algumas semanas após a invasão. O Banco desembolsou 1,7 mil milhões de EUR a favor da Ucrânia em circunstâncias extremamente difíceis. Restam ainda 540 milhões de EUR, que serão desembolsados à medida que os projetos concretos forem avançando no terreno. O objetivo é garantir que a economia da Ucrânia se mantenha a funcionar, para que ela própria possa apoiar uma parte significativa do esforço de reconstrução do país.

Em 2022, assinalamos também a criação da EIB Global, a nossa direção dedicada às atividades da União Europeia nos domínios do desenvolvimento e da formação de parcerias. No seu primeiro ano de atividade, a EIB Global concedeu 9,1 mil milhões de EUR em assinaturas de novos projetos – para além do financiamento à Ucrânia. Estes projetos incluíram centrais elétricas solares no Brasil, novos apoios a iniciativas de vacinação em todo mundo e um grande projeto de abastecimento de água potável abundante às populações da Jordânia, graças ao financiamento de uma das maiores centrais de dessalinização do mundo.

Os projetos da EIB Global são exemplo do nosso esforço de promoção das políticas e dos valores da UE em todo o mundo. Lançamos novas parcerias. Construimos novas alianças sustentáveis por toda a parte. Orgulho-me do contributo ativo que, através da EIB Global, estamos a dar para a prosperidade global sob a égide da União Europeia.

O Banco Europeu de Investimento respondeu de forma resoluta a um ano de grandes tensões. Demos provas de resiliência e criatividade. Mas sabemos que o nosso trabalho ainda não está terminado. Devemos melhorar continuamente o nosso desempenho e procurar novas e melhores formas de realizar o nosso trabalho. O presente relatório é o relato de uma etapa vital desta jornada.

Werner Hoyer

FACTOS MARCANTES DE 2022

BANCO EUROPEU DE INVESTIMENTO ATIVIDADES EM 2022

PROJETOS APROVADOS União Europeia	75 900 milhões de EUR 63 500 milhões de EUR
ASSINATURAS União Europeia	65 100 milhões de EUR 56 000 milhões de EUR
DESEMBOLSOS União Europeia	54 300 milhões de EUR 47 400 milhões de EUR
RECURSOS CAPTADOS (ANTES DE SWAPS) Moedas principais (EUR, USD) Outras moedas	44 300 milhões de EUR 37 200 milhões de EUR 7 100 milhões de EUR

ATIVIDADES DA EIB GLOBAL EM 2022

PROJETOS APROVADOS	12 400 milhões de EUR
FINANCIAMENTO TOTAL	10 800 milhões de EUR*
DESEMBOLSOS	6 600 milhões de EUR

* O financiamento total inclui 1 700 milhões de EUR de empréstimos reorientados para a Ucrânia em resposta à guerra com a Rússia.

O Fundo Europeu de Investimento (FEI), que faz parte do Grupo BEI, é uma instituição especializada no financiamento de risco para apoiar as micro, pequenas e médias empresas e estimular o crescimento e a inovação em toda a Europa. Disponibiliza financiamento e conhecimentos técnicos para a realização de investimentos sólidos e sustentáveis e operações de garantia. Entre os acionistas do FEI contam-se o BEI, a Comissão Europeia, bancos públicos e privados e instituições financeiras.

FUNDO EUROPEU DE INVESTIMENTO ATIVIDADES EM 2022

ASSINATURAS	9 180 milhões de EUR
Tomadas de participação	4 160 milhões de EUR
Garantias	4 910 milhões de EUR
Financiamento inclusivo	120 milhões de EUR

O IMPACTO DO BEI

2,4 milhões
de hectares

de terrenos agrícolas com
gestão melhorada

1,5 milhões
de hectares

de terrenos florestais
com gestão melhorada

6,6 milhões

de novas assinaturas com
serviços 5G ativados

192 000

vagas de ensino criadas

2 milhões
de MWh/ano

de poupança energética
dos projetos

31 300
GWh/ano

de eletricidade proveniente
de fontes renováveis

2,4 milhões

de contadores
inteligentes instalados

15 800
MW

de capacidade de produção de
eletricidade 100 % renovável

150,4
milhões

de pessoas com serviços de
saúde melhorados

836 milhões

de pessoas vacinadas contra
a COVID-19 e outras doenças

86 900

habitações sociais ou a
preços acessíveis

17 milhões

de pessoas beneficiadas com
infraestruturas urbanas ou
regionais novas ou modernizadas

517 milhões

de viagens de passageiros
adicionais efetuadas em
transportes públicos

23 600

veículos ou material circulante
novos ou reabilitados

10,8
milhões

de pessoas com melhores
serviços de saneamento

25,4
milhões

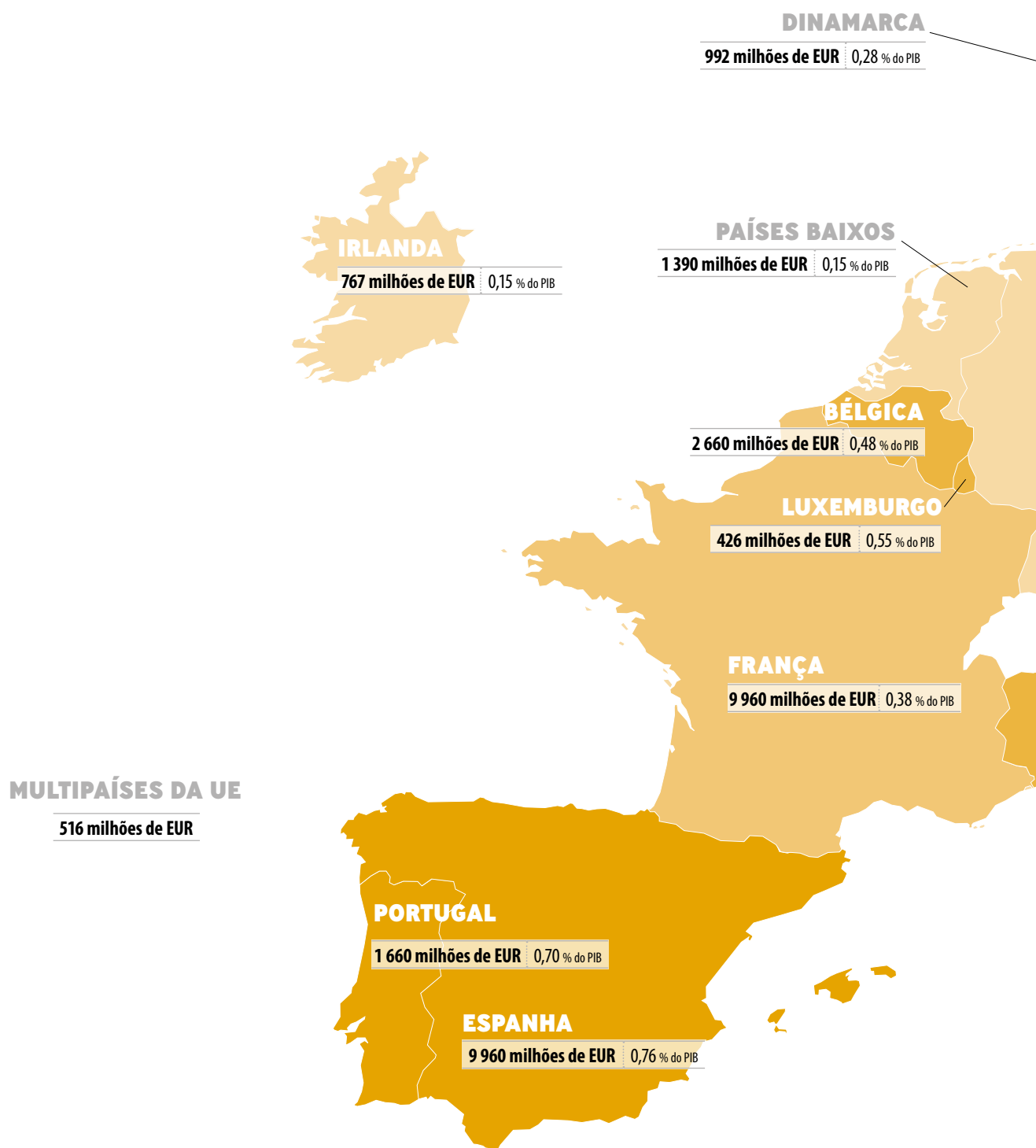
de pessoas com acesso a
água potável segura

3,1 milhões

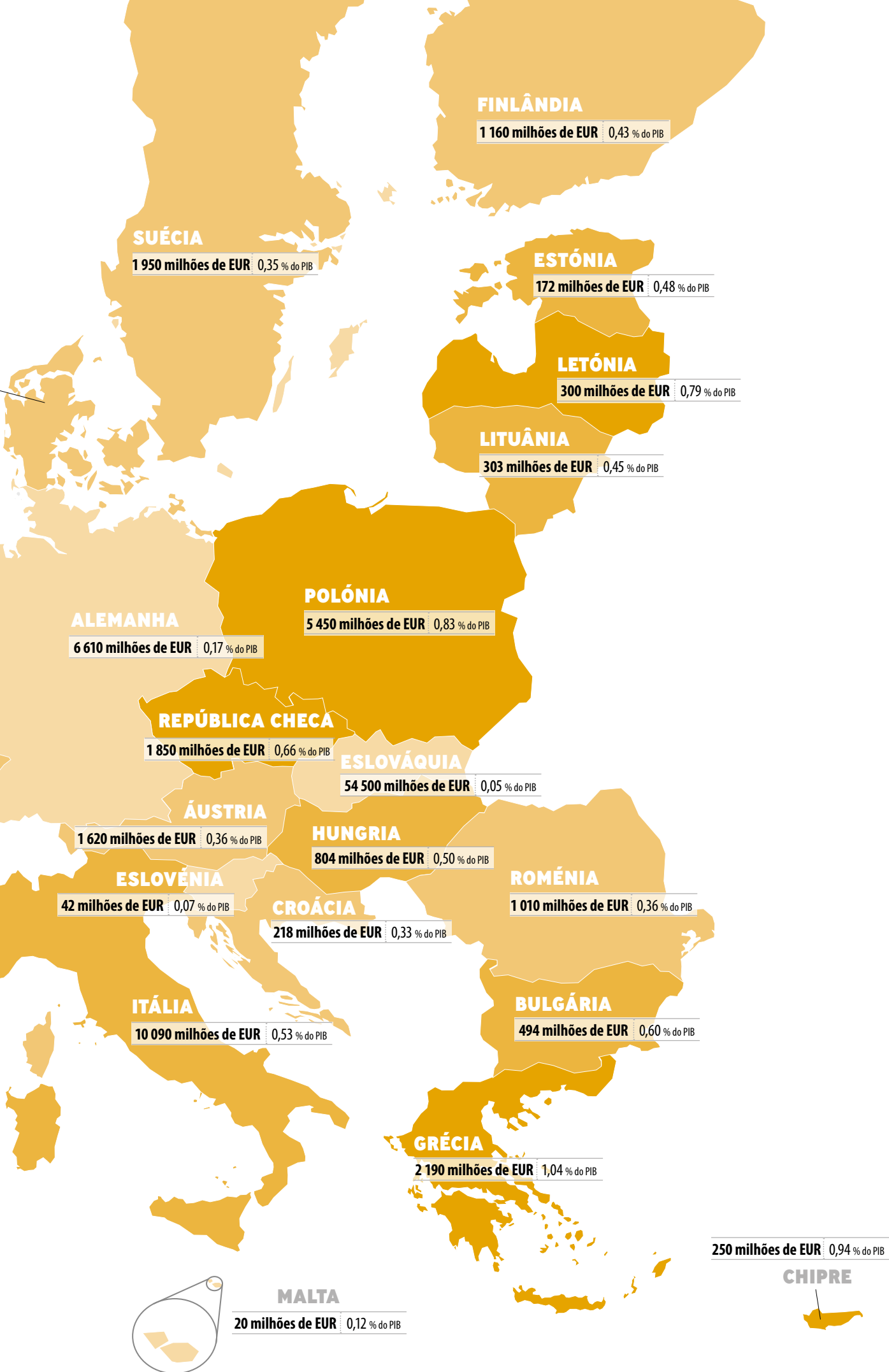
de refugiados em centros de
acolhimento ou alojamentos
temporários (Pacote de
solidariedade para a Ucrânia)

Os dados referem-se aos resultados esperados das novas operações de financiamento assinadas em 2022 pela primeira vez, com base nos dados disponíveis nesta fase. Os dados financeiros não foram auditados, sendo, por conseguinte, provisórios.

O GRUPO BEI NO SEU PAÍS



As cores mais escuras indicam um investimento mais elevado em percentagem do PIB.



O GRUPO BEI NO RESTO DO MUNDO

OUTROS PAÍSES (FORA DA UE)
363 milhões de EUR

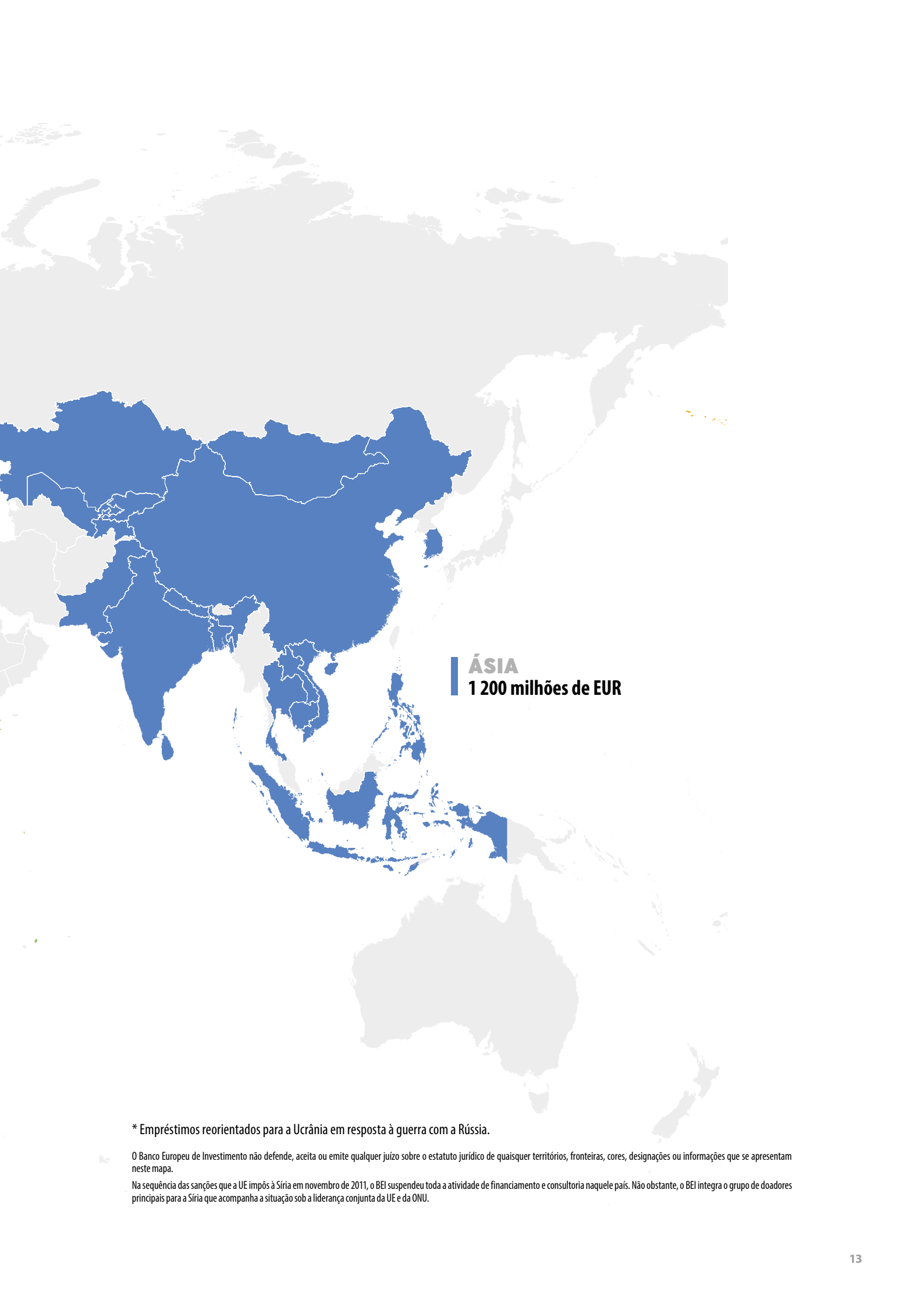
**PAÍSES DA
VIZINHANÇA ORIENTAL**
362 milhões de EUR

UCRÂNIA*
1 720 milhões de EUR

**BALCÃS OCIDENTAIS
E TURQUIA**
866 milhões de EUR

**ÁFRICA E MÉDIO
ORIENTE**
5 050 milhões de EUR

AMÉRICA LATINA E CARAÍBAS
1 690 milhões de EUR



ÁSIA
1 200 milhões de EUR

* Empréstimos reorientados para a Ucrânia em resposta à guerra com a Rússia.

O Banco Europeu de Investimento não defende, aceita ou emite qualquer juízo sobre o estatuto jurídico de quaisquer territórios, fronteiras, cores, designações ou informações que se apresentam neste mapa.

Na sequência das sanções que a UE impôs à Síria em novembro de 2011, o BEI suspendeu toda a atividade de financiamento e consultoria naquele país. Não obstante, o BEI integra o grupo de doadores principais para a Síria que acompanha a situação sob a liderança conjunta da UE e da ONU.

SEGURANÇA ENERGÉTICA

“ A crise energética acelera a necessidade de a Europa realizar a transição para fontes alternativas de energia renovável e tornar-se mais eficiente energeticamente. Este duplo objetivo está no cerne do plano REPowerEU, em cuja concretização o BEI terá um papel fundamental a desempenhar. Para os serviços de aconselhamento do BEI, significa também identificar novas tecnologias e apoiar a sua introdução no mercado, bem como ajudar os governos a fazer um uso mais inteligente dos seus recursos de financiamento público, mobilizando mais investimento privado sempre que possível. **”**

Frank Lee, chefe da Divisão de Aconselhamento Financeiro em Questões Climáticas e Sociais do BEI

“ Desde a sua fundação, o BEI tem sido um importante financiador de infraestruturas energéticas críticas. A conjuntura atual vem confirmar a importância estratégica da energia e da diversidade das fontes de abastecimento. O BEI reforçou o seu volume de financiamento destinado a projetos no setor da energia – incluindo nos domínios da eficiência energética, das energias renováveis, do aquecimento urbano e da ligação das redes elétricas nacionais e internacionais – tanto na União Europeia como no resto do mundo. **”**

Sanjoy Rajan, chefe da Divisão de Segurança Energética do BEI

A energia é uma questão de segurança. Por sua vez, a descarbonização é uma questão de autonomia estratégica. A invasão russa da Ucrânia e a instrumentalização das exportações de energia como arma por parte da Rússia alteraram radicalmente a geopolítica e a economia da energia na Europa. É também imperativo reduzir as emissões de carbono para atenuar as alterações climáticas. O investimento na eficiência energética e na produção de energias renováveis é a solução ideal para ambos os problemas.

O BEI apoia a Europa na sua urgente transição energética ecológica, através do investimento em projetos de eficiência energética e de energias renováveis e da promoção da inovação e das novas tecnologias.

ENQUANTO FOR NECESSÁRIO

O Banco Europeu de Investimento apoia centenas de projetos essenciais para a vida do povo ucraniano, continuando a desembolsar fundos mesmo durante a guerra

Quando Violaine Silvestro von Kameke explica que o seu trabalho consiste principalmente em investir em dezenas de cidades ucranianas durante a guerra, os seus interlocutores ficam surpreendidos, para dizer o mínimo. «As pessoas pensam que a guerra interrompeu a nossa atividade na Ucrânia», declara esta gestora de empréstimos sénior do Banco Europeu de Investimento. «Mas nós continuamos a desembolsar muito dinheiro na Ucrânia e a trabalhar em inúmeros projetos complexos. Temos uma atividade muito intensa.»

Após a invasão russa, em fevereiro de 2022, o Banco Europeu de Investimento retirou os seus funcionários da Ucrânia. Mas, ao mesmo tempo, aumentou consideravelmente a assistência que presta ao país que, **segundo estimativas do Governo ucraniano, precisará de cerca de 765 mil milhões de EUR nos próximos dez anos para recuperar da invasão russa.**

O Banco Europeu de Investimento aprovou dois importantes pacotes de financiamento para a Ucrânia durante a guerra: um primeiro, de 668 milhões de EUR, logo após o início do conflito para ajudar o governo a financiar necessidades urgentes; e um segundo, de 1 590 milhões de EUR, assinado em julho de 2022, para reparar infraestruturas danificadas e retomar projetos essenciais. Deste segundo pacote, foram desembolsados pouco mais de 1 000 milhões de EUR.

Outras formas de assistência do BEI em 2022 incluíram 2,5 milhões de EUR em doações do Instituto BEI, o braço social e cultural do banco da UE, e quase 18 milhões de EUR em subvenções do Fundo Fiduciário de Assistência Técnica aos Países da Parceria Oriental, para cuidar de cerca de 700 000 pessoas que tiveram de fugir das suas casas. Este fundo é financiado pelos seguintes países: Alemanha, Áustria, França, Letónia, Lituânia, Polónia, Reino Unido e Suécia.

Além disso, o Banco assinou um memorando com a Ucrânia que prevê mais investimentos no sistema de transportes de Kiev e reorienta 59 milhões de EUR em subvenções para a reparação de comboios e ferrovias na Ucrânia, a instalação de pontes de substituição temporárias e a melhoria da assistência médica e da habitação para pessoas forçadas a abandonar as suas casas.

Apoiar projetos fora das zonas de conflito

«Não podendo lançar grandes projetos nacionais neste momento, o nosso trabalho centra-se em pequenos projetos e em ajudar a população a fazer face à situação difícil que atravessa», explica Hervé Guenassia, outro gestor de empréstimos sénior do Banco Europeu de Investimento a trabalhar em projetos na Ucrânia. «Se realizássemos um grande projeto, como a reparação de um aeroporto, podemos ter a certeza de que a Rússia o destruiria.»

O Banco Europeu de Investimento iniciou a sua atividade na Ucrânia há 15 anos, tendo financiado projetos cujo montante agregado ascende a mais de 8 mil milhões de EUR. Em 2014, após a ocupação do Leste da Ucrânia e da anexação da Crimeia pela Rússia, o BEI aprovou um empréstimo-quadro de recuperação rápida de 200 milhões de EUR destinado a ajudar as pessoas que fugiram do conflito e as cidades que acolheram refugiados em grande número. Alguns dos projetos que o empréstimo ajudou a financiar foram entretanto destruídos pela guerra, incluindo uma biblioteca e um centro tecnológico de última geração em Mariupol.

“ **Ficaremos enquanto for necessário. Se eu pudesse, regressaria à Ucrânia já na próxima semana para iniciar a reconstrução.** ”

Roy Draycott, engenheiro civil do BEI

«É muito triste ver tantos destes projetos destruídos, porque esse trabalho foi motivo de grande esperança para a população local», afirma Roy Draycott, engenheiro civil do Banco Europeu de Investimento que trabalhou durante seis anos no gabinete de Kiev.

Conversações diárias com os presidentes de câmara durante a guerra

Mesmo durante as horas mais sombrias do conflito, Hervé Guenassia e Violaine Silvestro von Kameke continuaram a receber pedidos de aconselhamento técnico e de assistência financeira dos presidentes de câmara. Em agosto e setembro de 2022, o Banco Europeu de Investimento lançou um convite à apresentação de propostas para financiar projetos na Ucrânia e recebeu cerca de 1 000 candidaturas de cidades e empresas privadas. O banco da UE prevê aprovar mais de 300 dessas candidaturas e lançar mais convites à apresentação de propostas para projetos no final de 2022 e no início de 2023.

Entre os projetos de ajuda à Ucrânia aprovados em 2022 figuram novos elétricos para Kiev e Levive, novos autocarros para Lutsk, a reparação de centros de saúde em Odessa e a reconstrução de estabelecimentos de ensino e equipamentos sociais danificados em cidades de todo o país.

Pontes destruídas deixam cidades inteiras isoladas

Em toda a Ucrânia, há pontes destruídas quer pelas forças russas, quer pelos próprios ucranianos numa tentativa de deter o avanço das tropas invasoras. O banco da UE contribui para financiar a instalação de pontes flutuantes temporárias em toda a Ucrânia.

«Por vezes, a destruição de uma ponte representa um desastre para uma cidade», explica Hervé Guenassia. «Pode deixar de haver água potável disponível, porque esta era transportada por via rodoviária. A população pode não conseguir dirigir-se aos hospitais, às escolas, aos locais de trabalho ou às lojas para fazer compras.»

O engenheiro civil Roy Draycott tenciona voltar a viver e a trabalhar no país logo que a guerra termine. «O BEI não está a abandonar a Ucrânia», afirma Roy Draycott. «Ficaremos enquanto for necessário. Se eu pudesse, regressaria à Ucrânia já na próxima semana para iniciar a reconstrução.»



O Banco Europeu de Investimento iniciou a sua atividade na Ucrânia há 15 anos

AQUI, NÃO SERÁ HASTEADA NENHUMA OUTRA BANDEIRA

Sofrendo a brutal agressão das tropas russas, um presidente de câmara ucraniano explica como os empréstimos da UE ajudaram a população a resistir à ocupação

Quando a invasão em larga escala começou, os dirigentes russos alegaram que seriam bem-vindos em certas regiões da Ucrânia, especialmente perto da fronteira, onde os laços culturais, linguísticos e étnicos são fortes.

Graças a pessoas como Ivan Fedorov, o acolhimento esteve longe de ser caloroso.

«Neste momento, a minha missão principal consiste em ajudar as pessoas e acelerar a vitória ucraniana», declara o autarca de 34 anos que é o mais jovem presidente de câmara de sempre em Melitopol, uma cidade situada a norte da Crimeia, onde 90 % dos habitantes são russófonos. Ivan Fedorov, que não tardou em classificar os russos de «ocupantes», manteve a bandeira ucraniana hasteada enquanto pôde e encorajou abertamente a resistência.

Ocupada desde o início da guerra, Melitopol é uma das quatro regiões que a Rússia anexou em setembro. Ivan Fedorov faz regularmente transmissões em direto nas redes sociais para tranquilizar e encorajar os habitantes da cidade. «Aqui, não será hasteada nenhuma outra bandeira», afirmou numa das suas publicações.

Amar a cidade e continuar a desenvolvê-la

A vida tem sido dura em Melitopol, que foi uma das primeiras cidades a sucumbir à invasão. O número dos seus habitantes, próximo dos 150 000 no início do conflito, diminuiu em cerca de dois terços.

Em 11 de março, soldados russos entraram no gabinete de Ivan Fedorov, cobriram-lhe a cabeça com um saco e prenderam-no. Esteve detido durante uma semana, até ter sido organizada uma troca de prisioneiros. Não sofreu torturas físicas, mas sentou-se lado a lado com pessoas que foram agredidas durante os interrogatórios. Algumas tinham as mãos fraturadas.

Ivan Fedorov é bem conhecido dos gestores de empréstimos e dos engenheiros do Banco Europeu de Investimento. O Banco tem ajudado a cidade e a região de Zaporíjia desde a invasão russa de 2014, reconstruindo jardins de infância, escolas, centros de saúde e outras instalações em Melitopol. Os muitos anos de parcerias e de projetos de construção incentivaram os habitantes a virarem-se para a Europa quando os russos chegaram.

«**Está em causa a melhoria da qualidade de vida**», responde Ivan Fedorov, quando lhe perguntam porque trabalha com o Banco Europeu de Investimento. «Recebemos ajuda para as empresas, o turismo, a logística. Conseguimos elaborar um plano de reconstrução, com tolerância zero para a corrupção. E as pessoas podem amar a sua cidade e continuar a desenvolvê-la.»

AS NECESSIDADES DOS REFUGIADOS

O pacote de solidariedade do BEI ajuda as autoridades locais da Polónia a apoiar as entidades de acolhimento e a adaptar as infraestruturas às necessidades dos refugiados

Com a invasão das tropas russas, mais de 7,5 milhões de refugiados atravessaram a fronteira para a Polónia. Milhares de voluntários polacos mobilizaram-se para ajudar os deslocados, acolhendo-os nas suas casas, escolas e empresas.

A Polónia enfrenta agora um novo desafio – a instalação a longo prazo das pessoas recém-chegadas.

«Dez meses após o início da guerra, as necessidades dos refugiados evoluíram», explica Grzegorz Gajda, especialista sénior do setor urbano no Banco Europeu de Investimento, que acolheu cinco refugiados ucranianos em sua casa, na Polónia. «Eles precisam de emprego, de rendimentos estáveis e de acesso gratuito ao ensino, aos cuidados de saúde e aos serviços públicos para iniciarem uma nova vida na Polónia.»

O banco da UE aprovou um empréstimo de 2 mil milhões de EUE, assinado em junho de 2022, tendo em vista a integração dos refugiados ucranianos. O financiamento é concedido no âmbito do Pacote de Solidariedade para a Ucrânia, em cooperação com a Comissão Europeia.

Adaptar-se a uma nova realidade

A Polónia acolheu mais de 1,5 milhões de refugiados ucranianos desde o início da guerra. A dimensão deste fluxo é tal que a população de Rzeszów, a maior cidade do sudeste da Polónia, cresceu 50 %. Varsóvia, Cracóvia e Gdańsk registaram também acréscimos consideráveis.

«Quando o entusiasmo inicial da população local se desvanece e os recursos se esgotam, há que encontrar uma solução sistémica», declara Tomasz Balawajder, consultor jurídico do Banco Europeu de Investimento. «É necessário garantir que o setor público funcione com eficácia, prestando apoio financeiro e benefícios sociais às comunidades de acolhimento e aos refugiados.»

Apoiar os esforços da Polónia

A integração de milhões de refugiados exige tempo, um planeamento minucioso, novas infraestruturas e recursos financeiros.

Foi por este motivo que, decorrido menos de um mês após a invasão, o Governo polaco criou o Fundo de Ajuda, gerido pelo Bank Gospodarstwa Krajowego (BGK).

O Banco Europeu de Investimento desembolsou já 600 milhões de EUR a favor do Fundo, a primeira *tranche* dos 2 mil milhões de EUR que lhe foram atribuídos. O BGK distribui os fundos às autarquias locais e a outras entidades públicas.

«Tivemos de criar uma nova forma de cooperação para gerar recursos destinados a um amplo espectro de atividades de apoio aos refugiados ucranianos, ajudando-os a sentirem-se como cidadãos polacos», esclarece Robert Faliński, diretor do gabinete de gestão do Fundo no BGK.

PEDRA A PEDRA SE CONSTRÓI A EFICIÊNCIA ENERGÉTICA

Em toda a Europa, as cidades e as regiões estão a reduzir os custos e as emissões através do investimento em eficiência energética

Em Espanha, quatro em cada cinco edifícios consomem mais energia do que a necessária. A Unión de Créditos Inmobiliarios (UCI), uma instituição especializada em crédito hipotecário de Madrid, quer mudar esta situação.

O programa de reabilitação energética residencial da UCI visa promover a utilização de energias renováveis e reduzir para metade o consumo total de energia de cerca de 3 720 habitações em Madrid, Barcelona e Sevilha.

«O nosso objetivo é melhorar a eficiência energética em Espanha e em Portugal, para proprietários de habitações e edifícios», afirma Cátia de Almeida Alves, diretora de sustentabilidade e responsabilidade corporativa da UCI.

Embora a reabilitação de apartamentos seja fundamental para reduzir as emissões e o consumo de energia, poucos projetos beneficiam de financiamento. «Segundo um inquérito conduzido pelo Governo espanhol, apenas 2,3 % destas reabilitações recebem financiamento bancário», informa Isidoro Tapia, gestor de empréstimos do BEI. «Por conseguinte, o segmento da reabilitação de edifícios por associações de proprietários é atualmente mal servido em termos de financiamento por terceiros.»

A UCI procura preencher esta lacuna de financiamento com 2,6 milhões de EUR do programa de Assistência Europeia à Energia Local (European Local Energy Assistance – ELENA), uma iniciativa do BEI e da UE que presta assistência técnica a investimentos em eficiência energética e energias renováveis ao nível dos edifícios e transportes urbanos.

Remodelação de edifícios públicos na Valónia

Perante as alterações climáticas e os elevados preços da energia, os promotores imobiliários veem-se forçados a integrar a eficiência energética nas fases de projeto e de construção dos edifícios e na escolha dos materiais utilizados.

A B.E. FIN, uma empresa pertencente à Região belga da Valónia e à Société Régionale d'Investissement de Wallonie (SRIW), desenvolveu um projeto denominado «RenoWatt» para promover, aconselhar e ajudar a executar obras de remodelação de edifícios públicos em toda a Valónia. O projeto, que recebeu uma subvenção de 3,5 milhões de EUR do programa ELENA, visa renovar 500 edifícios em 262 municípios e economizar cerca de 35 % da energia atualmente consumida. Tem potencial para reduzir as emissões de carbono em 7 545 toneladas por ano.

Desmontar as velhas condutas de aquecimento na Lituânia

Em Vilnius, as vetustas condutas de aquecimento do século passado deixam escapar o ar quente, aumentando o risco de incidentes, tais como fugas e falhas no aquecimento das habitações.

O BEI concedeu uma linha de crédito a longo prazo de 43 milhões de EUR à Vilniaus Šilumos Tinklai, a empresa que fornece aquecimento e água quente a Vilnius, para as obras de modernização.

Está também prevista a construção de uma nova central elétrica a biomassa e energia solar e a instalação de uma bomba de calor de absorção eficiente. No seu conjunto, o projeto permitirá modernizar a infraestrutura de aquecimento de 200 000 habitações, melhorando a eficiência energética e reduzindo as emissões de carbono e de outros poluentes atmosféricos.

EM SINTONIA COM OS DESAFIOS DO MOMENTO

O apoio do programa InvestEU a um projeto de habitação social energeticamente eficiente em Hanôver dá resposta ao problema do aumento do custo de vida e da falta de habitação a preços acessíveis

Devido à subida acentuada dos preços da energia e dos produtos alimentares desde a invasão russa da Ucrânia, a percentagem de famílias alemãs que gastam mais de 10 % do seu rendimento líquido em despesas de energia duplicou desde 2021 para 41 %. Aliada à escassez de novos apartamentos e ao aumento das rendas, a crise do custo de vida tornou a acessibilidade da habitação a segunda maior preocupação dos alemães.

O projeto da cidade de Hanôver, no norte da Alemanha, de construir 640 apartamentos novos, energeticamente eficientes e a preços acessíveis para arrendamento, está em perfeita sintonia com os desafios do momento, entre os quais se destacam também as preocupações com as alterações climáticas. Os novos apartamentos, que serão construídos e detidos pela hanova, a empresa municipal de habitação, incluirão 232 habitações sociais e 408 habitações a preços acessíveis.

«A economia em crescimento faz de Hanôver uma área metropolitana atraente», explica Karsten Klaus, diretor executivo da hanova. «Devido ao rápido aumento da sua população e à crise atual, a procura de habitação acessível está a aumentar na mesma medida. No entanto, a oferta é limitada. Ajudamos a criar habitação condigna e acessível para pessoas de rendimentos baixos e médios, reduzindo assim os desequilíbrios do mercado imobiliário da cidade.»

Uma resposta eficaz

No total, 82 % dos novos edifícios serão projetados para alcançar um desempenho energético, pelo menos, 20 % superior à norma alemã KfW 55 relativa aos edifícios com consumo de energia quase nulo. Os restantes terão por objetivo um desempenho energético, pelo menos, 10 % superior a esta norma. O projeto está também em conformidade com a diretiva da UE relativa ao desempenho energético dos edifícios.

Embora as novas habitações energeticamente eficientes permitam reduzir as emissões de carbono e os custos de energia para os futuros inquilinos, a sua construção é onerosa. O projeto da hanova deverá ter um custo próximo dos 200 milhões de EUR. No entanto, tendo em conta os seus inúmeros benefícios sociais e ambientais, é exatamente o tipo de projeto que o Banco Europeu de Investimento procura apoiar.

«Estávamos ansiosos por participar neste projeto, pois contribui claramente para dois objetivos estratégicos importantes da UE: a inclusão social e a ação climática», revela Sotir Trambev, gestor de empréstimos do banco da UE. «Graças ao InvestEU, conseguimos mobilizar um pacote de financiamento que supera largamente tudo o que alguma vez fizemos por este setor no passado.»

Esta operação é o primeiro investimento efetuado ao abrigo do programa InvestEU na Alemanha. «Um pacote como este não teria sido possível sem o programa», afirma Sotir Trambev.

INSTALAR TURBINAS EM PLENO MAR

Um porto do sul de França lança-se num vasto projeto de expansão para instalar dois parques eólicos flutuantes no Mediterrâneo

As turbinas eólicas são enormes monstros de aço que pesam centenas de toneladas. Em terra, dominam as paisagens. Agora imagine o que é tentar montar uma destas estruturas gigantescas num porto marítimo tradicional, carregar uma turbina de 100 metros de comprimento com pás de 90 metros sobre uma plataforma flutuante, e depois rebocar suavemente o conjunto para um parque eólico no meio do mar.

A movimentação de turbinas eólicas exige uma ampla remodelação da infraestrutura portuária, mas Port-la-Nouvelle acredita estar à altura deste desafio. Este porto, outrora especializado na exportação de cereais e de outros produtos agrícolas com destino ao norte de África, situa-se nas proximidades de Montpellier, no sul da França. A região da Occitânia está agora a investir 340 milhões de EUR, 150 milhões dos quais disponibilizados pelo Banco Europeu de Investimento, para renovar os portos de Sète e Port-la-Nouvelle. Os planos preveem a transformação de Port-la-Nouvelle num polo mediterrânico para a construção, a logística e o apoio de parques eólicos flutuantes *offshore*. Futuramente, este polo deverá também produzir hidrogénio verde a partir da energia limpa gerada pelos parques eólicos.

«Tudo isto exige infraestruturas e procedimentos industriais muito diferentes daqueles a que estamos habituados», explica Didier Codorniou, diretor de assuntos marítimos da região francesa da Occitânia.

Libertar espaço para colossos

A conversão de Port-la-Nouvelle faz parte de uma ambiciosa estratégia de energias renováveis definida pela Occitânia. A região espera beneficiar da instalação de dois parques eólicos flutuantes *offshore* previstos para o Mediterrâneo, cuja produção deverá satisfazer as necessidades energéticas de 400 000 pessoas. A Occitânia, que apresenta uma das mais elevadas taxas de desemprego da França, vê nas energias renováveis uma oportunidade para relançar a sua economia, tradicionalmente baseada na agricultura, no turismo e, mais para o interior, na aeronáutica.

«A nova infraestrutura apoia os esforços para desenvolver atividades portuárias mais ecológicas e descarbonizar a produção de energia. Nesse sentido, constitui mais um passo para alcançarmos a nossa meta de neutralidade carbónica a nível europeu», afirma Shirley Moussavou, a gestora de empréstimos do BEI responsável pelo projeto de Port-La-Nouvelle. «Os parques eólicos flutuantes *offshore* estão também na vanguarda do programa de transição energética da França.»

Para além do financiamento de Port-la-Nouvelle, o BEI está também a apoiar dois parques-piloto de energia eólica – um deles ao largo da costa de Leucate-Le Barcarès, gerido pelo consórcio Les Éoliennes Flottantes du Golfe du Lion e, o outro, nas proximidades de Gruissan, que será explorado pela EolMed. O Banco assinou um empréstimo de 85 milhões de EUR com a EolMed, em abril, e um empréstimo de 75 milhões de EUR com a Les Éoliennes Flottantes, em maio. Ambos os empréstimos beneficiam de uma garantia do Fundo Europeu para Investimentos Estratégicos. O Banco vai ainda disponibilizar 50 milhões de EUR para um terceiro parque *offshore*, com localização planeada a 40 km a oeste de Marselha.

Port-la-Nouvelle dista pouco menos de 20 km dos parques geridos pela Les Éoliennes Flottantes e pela EolMed. A distância relativamente curta entre o porto e os parques eólicos reduz os riscos associados ao transporte marítimo destas estruturas gigantescas.

A região da Occitânia, que abrange a zona de Toulouse e se estende para sul até à Espanha e para leste até Montpellier, é conhecida pelas boas condições climáticas. Mas também é famosa pelo Mistral, um vento tempestuoso do quadrante noroeste que sopra do sul da França até ao Golfo de Leão, onde serão instalados os parques eólicos.

Embora sejam favoráveis à produção de energia, estes ventos dificultam tremendamente a estabilidade de uma turbina eólica de 600 toneladas sobre um flutuador de 90x90 metros. Para poder montar as turbinas sobre os flutuadores, é preciso que a doca principal do porto esteja protegida de ondas altas e disponha de espaço suficiente para a movimentação das turbinas. O armazenamento das peças destinadas às turbinas eólicas, às pás e aos flutuadores exige também amplas docas de carregamento. «O busílis da questão está, de facto, no armazenamento», explica Julien Ciglar, gestor de projetos de energias renováveis marítimas da Agência Regional de Desenvolvimento Económico da Occitânia.

Um dilema logístico

As turbinas eólicas, as pás e as demais infraestruturas são geralmente transportadas por via marítima a partir de fábricas localizadas em toda a Europa. Um dos principais fornecedores de turbinas eólicas para os parques-piloto é a Vestas, que tem na Dinamarca a sua principal unidade de produção. O transporte marítimo obrigou à ampliação da entrada do porto para poder acolher navios de 100 a 200 metros de comprimento.

Para responder às necessidades dos parques eólicos, o porto prevê realizar obras de ampliação e renovação que incluem a construção de uma plataforma de 250 metros, suficientemente sólida para suportar gruas pesadas, a extensão dos molhes que protegem o porto para aprofundar a bacia portuária, bem como a construção de um terminal adicional que será utilizado para a montagem das turbinas eólicas e as instalações de armazenamento. A primeira fase da construção deverá estar concluída em 2023.

Ambições no plano das energias renováveis

Antes do anúncio dos parques-piloto de energia eólica, Port-la-Nouvelle debatia-se com a necessidade de redefinir a sua identidade. A atividade estava em declínio. A exportação de cereais, principal negócio do porto, estava em queda, e faltavam infraestruturas para acolher navios de maior calado vocacionados para o transporte de hidrocarbonetos, tais como combustíveis fósseis, e produtos químicos.

Na região vizinha dos Pirenéus Orientais, o setor industrial é pouco expressivo e a taxa de desemprego ronda os 10 %. Redirecionar a atividade do porto para as energias renováveis constituiu uma oportunidade para «revitalizar a economia da região», afirma Didier Codorniou. «Permitiu-nos transformar o nosso modelo de negócio e apostar na descarbonização», defende, «além de promover a criação de postos de trabalho na região».

Os projetos-piloto nas proximidades do porto deverão criar cerca de 300 postos de trabalho a tempo inteiro. Entretanto, o Estado francês tem grandes projetos para a energia eólica *offshore*. Os planos iniciais preveem dois parques-piloto equipados com três turbinas eólicas cada um. Mas, até 2030, o Governo francês pretende expandir os parques eólicos, construindo um parque flutuante de 250 MW em pleno Golfo de Leão, que, no futuro, fornecerá energia a mais de 400 000 pessoas. Ao largo da costa de Marselha, deverá ser instalado outro parque eólico flutuante de dimensão semelhante.

«A região alimenta a firme ambição de converter Port-la-Nouvelle no porto da transição energética, não apenas para a França, mas para o Mediterrâneo em geral», esclarece Julien Ciglar.

A viragem para o hidrogénio verde

A infraestrutura e o apoio que Port-la-Nouvelle proporcionará aos parques eólicos inscrevem-se numa estratégia regional mais vasta que visa criar um polo de energias renováveis. Um consórcio designado «Wind'Occ» congrega 170 empresas e 25 instituições académicas e laboratórios da região para apoiar a emergente fileira eólica.

A região está também a virar-se para o hidrogénio verde. Em 2019, adotou um Plano de Hidrogénio Verde no montante de 150 milhões de EUR, que prevê a criação de infraestruturas para a produção, o armazenamento e a distribuição de hidrogénio, bem como o aproveitamento da energia para os transportes locais, nomeadamente autocarros e comboios. No âmbito de um projeto relacionado, o Corridor H2, será construída uma rede de estações de distribuição de hidrogénio na Occitânia ao longo do corredor rodoviário que liga o Mediterrâneo ao Mar do Norte. O BEI concedeu um empréstimo de 40 milhões de EUR ao projeto Corridor H2.

«A Occitânia poderia demonstrar a outras regiões francesas como se desenvolve este tipo de atividades», afirma José Rino, especialista da Divisão de Transporte Aéreo, Marítimo e Inovador do BEI.

“ A região alimenta a firme ambição de converter Port-la-Nouvelle no porto da transição energética, não apenas para a França, mas para o Mediterrâneo em geral. ”

Julien Ciglar, gestor de projetos de energias renováveis marítimas
da Agência Regional de Desenvolvimento Económico da Occitânia

IMPULSIONAR A INOVAÇÃO NO SETOR EÓLICO

As pressões sobre os preços e as condições ambientais extremas incentivam os fabricantes de turbinas a inovar

Para os fabricantes de turbinas eólicas, como a Vestas, o ambiente de mercado em que operam pode ser tão agreste como os mares agitados e os ventos fortes que os seus produtos têm de suportar. Após anos de apoios públicos, o setor está a consolidar-se em resposta às pressões sobre os preços.

Uma parte destas pressões provém dos promotores de parques eólicos que, muitas vezes, prometem preços baixos para a eletricidade produzida e colocam depois a pressão sobre os fabricantes de turbinas. A subida dos preços das matérias-primas é outra fonte de preocupação.

Ao mesmo tempo, os fabricantes de turbinas investem intensamente em investigação e desenvolvimento para melhorar o desempenho dos seus equipamentos e satisfazer a procura de novos parques eólicos em condições ambientais cada vez mais extremas.

«A indústria enfrenta uma forte pressão sobre os preços», afirma Matteo Fusari, engenheiro sénior e conselheiro principal do Banco Europeu de Investimento, que está a financiar a Vestas. «É da maior importância que os fabricantes europeus de equipamentos explorem sinergias entre plataformas de produtos, reduzam a complexidade dos produtos e otimizem a produção global, os processos de aquisição e a pegada geográfica, a fim de assegurar a sua competitividade.»

A empresa dinamarquesa Vestas lidera o mercado das turbinas eólicas a nível mundial, com uma quota próxima dos 15 %. No entanto, no seu encalço perfilam-se gigantes, como a chinesa Xinjiang Goldwind Science & Technology com 13 % e a GE Renewable Energy, com 12 %. «A Vestas é um dos campeões», afirma Delia Fornade, gestora de empréstimos do BEI que trabalhou no projeto.

O BEI concedeu 475 milhões de EUR à Vestas para apoiar a realização de atividades de investigação, desenvolvimento e inovação na União Europeia entre 2022 e 2025. O empréstimo, assinado em julho e já desembolsado, cobre cerca de metade do orçamento de investigação e desenvolvimento da empresa, no valor de 952 milhões de EUR, para esse período.

O projeto centra-se em vários domínios. O primeiro é o desenvolvimento de novos cubos e lâminas de rotor, capazes de resistir a climas frios ou a condições meteorológicas extremas, e a simplificação dos produtos para acelerar a sua implantação. O segundo consiste na criação de novos modelos de plataformas partilhadas e modulares para as turbinas eólicas terrestres, a fim de as tornar mais adaptáveis a diferentes condições. O terceiro centra-se em novas plataformas modulares para turbinas eólicas *offshore*, que permitam à empresa explorar sinergias e economias de escala com os avanços alcançados nos seus produtos de instalação em terra.

O empréstimo à Vestas surge num momento crítico da transição energética na Europa. O desejo da Europa de pôr termo à sua dependência do petróleo e do gás da Rússia veio dar um novo ímpeto às energias renováveis, como a solar e a eólica, cujos preços são cada vez mais competitivos.

UM DOS COMBUSTÍVEIS DO FUTURO

As novas tecnologias de armazenamento e automatização de uma empresa francesa facilitarão o funcionamento a hidrogénio de automóveis e camiões

A Faurecia, uma grande fornecedora de peças para automóveis sediada perto de Paris, considera que o hidrogénio verde poderá satisfazer quase 20 % da procura mundial de energia até 2050, eliminando efetivamente seis gigatoneladas de emissões de carbono por ano. Estima que, já em 2030, se encontrem a circular nas estradas 5 milhões de veículos equipados com tecnologia de pilhas de combustível.

A Faurecia é líder em reservatórios de armazenamento de hidrogénio para automóveis, camiões e grandes estações de serviço. O seu objetivo é ajudar a indústria automóvel a iniciar a utilização de hidrogénio o mais rapidamente possível. A empresa está também a trabalhar em sistemas de pilhas de combustível de hidrogénio e no desenvolvimento de tecnologias para a condução autónoma. Todas estas inovações permitirão a utilização do hidrogénio nos mais variados tipos de veículos, mas especialmente em veículos pesados e todo-o-terreno equipados com motores de alta potência que consomem grandes quantidades de combustíveis fósseis.

«As tecnologias revolucionárias, como o hidrogénio, desempenharão um papel crucial na transformação e descarbonização da indústria automóvel», afirma Antonello Locci, consultor de projetos de inovação e fabrico avançado do Banco Europeu de Investimento.

O setor dos transportes é o principal responsável pelas emissões de gases com efeito de estufa na União Europeia, representando cerca de 31 % do total. Ao combinar ar e hidrogénio, as pilhas de combustível de hidrogénio podem produzir toda a eletricidade necessária ao funcionamento de um veículo, mas emitem apenas calor e água, em vez de dióxido de carbono ou outros poluentes.

As pilhas de combustível apresentam ainda outras vantagens em relação aos motores de combustão. São mais potentes e eficientes do ponto de vista energético do que os combustíveis fósseis, têm um funcionamento silencioso e exigem menos tempo de carregamento, proporcionando a mesma flexibilidade que os automóveis com motores tradicionais.

No intuito de contribuir para a transformação da indústria automóvel, o Banco Europeu de Investimento aprovou, em julho de 2022, um empréstimo de 315 milhões de EUR a favor da Faurecia. Este financiamento é atribuído no âmbito do programa InvestEU, concebido para estimular a inovação e criar mais postos de trabalho. «O InvestEU reduz o risco, possibilitando a concessão de empréstimos a longo prazo de maior montante a empresas em setores fundamentais da economia», afirma Nor Mebkhou, gestor de empréstimos do Banco Europeu de Investimento.

Graças ao apoio do Banco, a Faurecia continuará a desenvolver a próxima geração de reservatórios de hidrogénio destinados a veículos e estações de serviço. Além disso, aumentará a autonomia e a reciclabilidade dos seus produtos.

O projeto da Faurecia contribuirá também para a criação de postos de trabalho e o reforço da competitividade económica das regiões do leste e centro-norte da França.

TORNAR AS CIDADES CIPRIOTAS MAIS VERDES

Um projeto de regeneração urbana visa tornar os municípios mais ecológicos, estimular a economia e melhorar a vida das pessoas

Chipre pretende reduzir as suas emissões e tornar-se mais verde, tomando como ponto de partida projetos que permitam a transformação das suas cidades e vilas. Trata-se, porém, de uma tarefa demorada, complexa e onerosa.

«Os municípios precisam de realizar uma série de investimentos verdes e introduzir tecnologias mais ecológicas», afirma Michalis Socratous, secretário-geral da União dos Municípios Cipriotas. «Constatámos que, para as tornar mais ecológicas, teríamos primeiro de modernizar e reestruturar as zonas urbanas, renovar edifícios e espaços públicos e tornar os transportes públicos mais sustentáveis.»

É precisamente este o objetivo do Plano Estratégico Municipal para o Desenvolvimento Sustentável. Lançado pelo Governo e pela União dos Municípios Cipriotas, o plano financiará numerosos projetos de regeneração e reabilitação de municípios em toda a República de Chipre.

O Banco Europeu de Investimento está a apoiar este plano com um empréstimo-quadro de 150 milhões de EUR, assinado em novembro, e com a prestação de assistência técnica através da sua plataforma de aconselhamento.

«Um empréstimo-quadro é, essencialmente, um investimento com múltiplas vertentes que nos permite financiar dezenas ou mesmo centenas de projetos-chave», explica Nicos Yiambides, gestor de empréstimos sénior do Banco Europeu de Investimento. «Permite-nos igualmente apoiar projetos de menor dimensão e municípios que, tradicionalmente, não beneficiariam do nosso financiamento.»

Quais são os benefícios concretos da regeneração urbana?

Se for bem sucedida, a regeneração urbana pode criar espaços urbanos mais verdes e, ao mesmo tempo, melhorar significativamente a vida das pessoas que vivem e trabalham na cidade.

A melhoria das infraestruturas torna as zonas urbanas mais atrativas como centros de negócios e destinos turísticos, estimulando o crescimento e a criação de emprego. Contribui igualmente para o bem-estar dos munícipes, que beneficiam de um ensino, de serviços públicos e de infraestruturas de lazer de melhor qualidade.

Tomemos o exemplo da regeneração urbana do centro histórico de Limassol, a segunda maior cidade de Chipre. Concluído em 2013, o projeto permitiu restituir aos edifícios históricos e aos espaços urbanos o seu antigo esplendor, melhorar a gestão do tráfego, criar zonas pedonais e instalar novas redes de eletricidade, telecomunicações e água.

O Plano Estratégico Municipal para o Desenvolvimento Sustentável visa alcançar os mesmos objetivos à escala nacional. Com o apoio do Banco Europeu de Investimento, o Governo cipriota implementará projetos que permitam reconstruir espaços públicos e zonas verdes, melhorar as vias cicláveis e as redes de transportes públicos, renovar edifícios públicos, modernizar as redes de água e saneamento, regenerar as zonas urbanas degradadas e criar cidades inteligentes que recorram a soluções digitais para prestar serviços públicos melhores e mais eficientes.

O ÚLTIMO QUILÓMETRO VERDE

O maior operador logístico da Itália substitui os veículos tradicionais por uma frota com emissões nulas para a distribuição de correio e encomendas, reduzindo assim as emissões globais

Estamos no final do outono, mas o tempo ainda está quente em Roma, e o ar é puro e límpido. O sol trespassa as nuvens e ilumina as casas cor de terracota de uma rua estreita do bairro residencial de Bravetta. Alguns triciclos elétricos, quase do tamanho de um carrinho de golfe, passam silenciosamente, assistindo os carteiros nas suas voltas de distribuição de correspondência e encomendas.

Centenas de triciclos e outros veículos elétricos vão em breve circular numa dúzia de bairros de Roma, 57 dos quais afetos ao centro de distribuição do Maggiolino, que serve o bairro de Nomentano, onde reside Anna Manghetti. «É, de facto, gratificante ver como estes novos triciclos estão a tornar-se uma presença constante nas nossas entregas diárias», afirma, «aí está uma boa causa que nos mobiliza».

Anna Manghetti é diretora financeira da Poste Italiane, o maior operador logístico do país e um ator de primeiro plano no setor dos serviços financeiros, dos seguros e dos serviços de pagamento. Graças a um empréstimo de 100 milhões de EUR concedido em março pelo Banco Europeu de Investimento, a Poste Italiane conseguiu substituir o seu parque tradicional de viaturas a diesel e a gasolina por triciclos e outros veículos sem emissões.

«Enquanto Banco do Clima da UE, orgulhamo-nos de apoiar o ambicioso plano de descarbonização da Poste Italiane», afirma Giovanni Aldegghi, o gestor de empréstimos sénior do Banco Europeu de Investimento, que trabalhou no **maior financiamento de sempre do banco da UE a favor de uma plataforma de mobilidade sem emissões**.

Até que ponto as nossas encomendas respeitam o ambiente?

A etapa mais delicada e problemática do trajeto de uma encomenda desde o entreposto até à soleira da porta do cliente é o chamado «último quilómetro», a derradeira fase do processo de entrega desde o centro de distribuição até ao destinatário.

O aumento exponencial das compras *online* desde a pandemia de COVID-19 agravou as emissões de carbono associadas aos transportes. As cidades e as empresas de logística são confrontadas com trajetos de entrega desnecessários, congestionamentos de tráfego e dificuldades de estacionamento, além das preocupações dos moradores com a poluição sonora e atmosférica.

Se o último quilómetro da distribuição fosse mais eficiente e mais ecológico, as cidades seriam mais saudáveis e agradáveis para viver. A ideia começou a ganhar forma na mente de Anna Manghetti durante o verão de 2020.

O projeto «Mobilidade Verde» da Poste Italiane foi supervisionado pelo diretor-geral da empresa, Matteo Del Fante, e pela equipa tutelada pelo diretor financeiro, Camillo Greco, com o apoio de Giuseppe Lasco, diretor-geral adjunto, e de Marcello Grosso, diretor do Departamento de Desenvolvimento Sustentável, Gestão do Risco e Conformidade do Grupo.

O projeto «Mobilidade Verde» consiste na substituição dos veículos tradicionais a gasolina e diesel da empresa por 4 150 veículos elétricos para as entregas nos centros urbanos e nas periferias. Inclui igualmente as respetivas estações de carregamento e a plataforma informática, com um custo total de 145 milhões de EUR.

// Isto é o futuro. //

Tiago Lopes, engenheiro sénior do BEI

Um financiamento singular

O empréstimo do banco da UE à Poste Italiane apresenta uma série de características únicas. Em primeiro lugar, cobre as taxas de aluguer para a renovação da frota elétrica, bem como a instalação das respetivas estações de carregamento e da plataforma informática. Financia igualmente os custos da locação financeira associados à frota elétrica, que são contabilizadas nos ativos como direitos de utilização.

Para ajudar a Poste Italiane a acelerar a sua transição ecológica, o Banco está também a financiar 69 % do projeto, excedendo substancialmente o limite máximo habitual de 50 % aplicável ao financiamento do BEI.

O plano é ambicioso: visa reduzir em 40 % as emissões produzidas pela frota de distribuição postal. Tem por objetivo último alcançar a neutralidade carbónica até 2030, antecipando o calendário estabelecido pela União Europeia.

Mais do que simples veículos elétricos

Desde meados de outubro de 2022, 1 100 veículos elétricos estão já a distribuir correio em 70 cidades e vilas italianas, incluindo Turim, Florença, Trieste, Bolonha, Nápoles e, naturalmente, Roma.

A eletricidade utilizada para carregar as baterias destes veículos provém de fontes renováveis. O projeto permitirá reduzir a poluição atmosférica, as emissões de gases com efeito de estufa e o ruído nos centros urbanos, evitando 3 000 toneladas de emissões de carbono por ano, o que equivale às emissões médias de 3 000 passageiros em voos de ida e volta entre Paris e Nova Iorque.

Para reduzir ainda mais o seu impacto ambiental, a Poste Italiane utilizará igualmente o empréstimo do Banco Europeu de Investimento para financiar a sua plataforma informática. O modelo inovador otimiza o itinerário do carteiro em função do tráfego postal, da distância, do tipo de rodovia, das restrições de circulação e do volume das encomendas. O planeamento de itinerários tem em conta os limites de autonomia dos veículos elétricos e a disponibilidade de estações de carregamento.

«O êxito deste projeto depende da interpretação de uma grande quantidade de dados recolhidos em tempo real», esclarece Tiago Lopes, o engenheiro sénior do Banco Europeu de Investimento que trabalhou nesta operação. «Isto é o futuro.»

INOVAÇÃO E AUTONOMIA

“ O BEI orgulha-se do seu papel catalisador no financiamento da inovação europeia, contribuindo para o desenvolvimento de sistemas de saúde independentes, resilientes e seguros para os cidadãos europeus, ao mesmo tempo que apoia novas e promissoras empresas em fase de arranque nos domínios da biotecnologia e da tecnologia médica. Esta posição foi reforçada durante a recente pandemia de COVID-19, tendo o BEI contribuído, em 2021, com mais de 1,6 mil milhões de EUR para o financiamento de projetos no domínio das ciências da vida, entre os quais a vacina de ARN mensageiro (ARNm) contra a COVID-19 desenvolvida pela BioNTech. O trabalho do BEI contribui igualmente para acelerar a comercialização da investigação fundamental, impulsionar o desenvolvimento da propriedade intelectual e apoiar a criação e o desenvolvimento de produtos inovadores destinados a colmatar necessidades médicas não satisfeitas e a melhorar a qualidade de vida dos doentes na Europa e no resto do mundo. **”**

Dana Burduja, chefe da Divisão de Ciências da Vida e Saúde do BEI

“ Se a Europa quer autonomia económica, tem de investir fortemente na inovação e nas tecnologias essenciais para a digitalização da sua economia, em especial nos domínios dos circuitos integrados, dos centros de dados e da cibersegurança. A digitalização é inevitável, chegou mais cedo do que o esperado e afeta-nos mais do que possamos imaginar. Mas, para navegar a crista da onda, é necessário investir. **”**

Harald Gruber, chefe da Divisão de Infraestruturas Digitais do BEI

A inovação é indispensável para a prosperidade económica, a autonomia e os objetivos climáticos da Europa, que simplesmente não podem ser alcançados apenas com as tecnologias atuais.

O apoio financeiro e técnico do BEI ajudou as empresas europeias a realizar progressos decisivos em domínios que vão desde os parques eólicos flutuantes às vacinas de ARNm, e reduz a necessidade de os empresários, os cientistas e os engenheiros europeus recorrerem a capital estrangeiro, reforçando a autonomia da UE em setores estratégicos.

BETERRABAS RESISTENTES A DOENÇAS

Uma empresa francesa dedica-se ao cultivo seletivo de plantas que resistem às alterações climáticas e necessitam de menos pesticidas e fertilizantes

A proibição imposta pela UE ao uso de neonicotinoides, um inseticida utilizado para proteger plantas como a beterraba sacarina contra as doenças transmitidas por afídeos, parecia ser uma boa ideia em 2018. O inseticida era prejudicial às populações de abelhas, tendo a União Europeia decidido proibir os neonicotinoides no âmbito de uma iniciativa mais ampla a favor de uma agricultura mais sustentável.

Mas a proibição levou à devastação de vários campos de beterraba sacarina causada pelo amarelecimento das plantas, reduzindo as colheitas de um dos maiores produtores mundiais de açúcar de beterraba e ameaçando o setor. Consequentemente, a França suspendeu a proibição até 2023.

O tempo para agir não é muito. O desenvolvimento de novas variedades vegetais demora, normalmente, entre sete a dez anos. O grupo Florimond Desprez, um obtentor de variedades vegetais e produtor de sementes no norte de França, está a envidar todos os esforços para resolver o problema. A empresa dedica-se ao cultivo seletivo de beterraba sacarina há quase 200 anos e está a tirar partido da sua vasta experiência para desenvolver uma planta capaz de resistir ao amarelecimento, mantendo simultaneamente a sua resistência natural a outras pragas, como o vírus da rizomania.

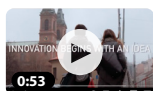
É uma corrida contra o tempo que tem implicações para outras plantas e outros setores agrícolas.

Na opinião de Marin Desprez, diretor de estratégia do grupo Florimond Desprez, «para que a agricultura seja mais sustentável, precisamos de utilizar menos fertilizantes azotados, que têm uma pegada de carbono significativa, e menos pesticidas. Se uma variedade vegetal for naturalmente resistente ou tolerante a uma doença, não são necessários produtos químicos para a proteger.»

A agricultura está sob pressão devido às alterações climáticas, à necessidade de reduzir a sua pegada ambiental e às necessidades alimentares de uma população mundial em constante crescimento. O cultivo seletivo de plantas que exijam menos recursos ou tratamentos químicos, mas que continuem a produzir alimentos suficientes em condições cada vez mais difíceis, será fundamental.

Em abril de 2022, o Banco Europeu de Investimento concedeu um empréstimo de 40 milhões de EUR à Florimond Desprez, destinado a financiar as suas atividades de investigação e desenvolvimento, sobretudo em França e na Bélgica. O empréstimo é apoiado por uma garantia do Fundo Europeu para Investimentos Estratégicos, que integra agora o Fundo InvestEU.

«O setor necessita de muitos investimentos e não é fácil obter financiamento, em especial quando não se trata de uma grande empresa», explica Zeina Chebli, a gestora de empréstimos do Banco Europeu de Investimento que acompanha o projeto.



Fundo Europeu para Investimentos Estratégicos



Se uma variedade vegetal for naturalmente resistente ou tolerante a uma doença, não são necessários produtos químicos para a proteger. //

Marin Desprez, diretor de estratégia do grupo Florimond Desprez

Séculos de cultivo seletivo de plantas

A Florimond Desprez é uma empresa genuinamente familiar, fundada pela família Desprez em 1830, há cinco gerações, em Cappele-en-Pévèle, uma povoação situada a sul de Lille. A empresa beneficiou do crescimento da indústria de beterraba sacarina, criada com o apoio de Napoleão Bonaparte e, ao longo dos anos, diversificou a sua atividade com culturas como a chicória industrial, a batata e o trigo.

«Graças ao empréstimo, ajudamos a empresa a manter-se competitiva e a enfrentar os principais desafios ambientais do setor agrícola, como a adaptação às alterações climáticas. Ao mesmo tempo, apoiamos as zonas rurais, nomeadamente no norte de França», explica Sébastien Collot, engenheiro sénior da equipa de bioeconomia do Banco Europeu de Investimento.

A ideia subjacente ao cultivo seletivo de plantas é relativamente simples. Por exemplo, uma variedade de trigo ideal para produzir pão particularmente saboroso ou estaladiço será cruzada com outra variedade especialmente robusta ou resistente a doenças. Os investigadores irão polinizar manualmente uma variedade com a outra, criando uma variedade híbrida. Os numerosos descendentes dessa variedade híbrida serão então plantados e observados, a fim de assegurar que a nova planta é resistente a doenças e possui as características pretendidas para produzir pão saboroso.

A agricultura sob pressão

Nos últimos 50 anos, a agricultura conseguiu acompanhar a explosão demográfica a nível mundial. Mas, para que a agricultura possa satisfazer a procura de alimentos no futuro, será necessário intensificar a inovação. «Estamos perante uma combinação de fatores: menos terras disponíveis no planeta, uma população maior e condições climáticas cada vez mais adversas», explica Stéphane Collot, do Banco Europeu de Investimento. «Por isso, a investigação é fundamental.»

A investigação é igualmente indispensável para lutar contra pragas e pestes que, normalmente, não afetam o norte da Europa. No ano passado, os agricultores da região francesa de Champagne detetaram a presença de ferrugem-negra-do-trigo, uma doença que, nos últimos 20 a 30 anos, só existia em Marrocos. Atualmente, os insetos que morriam durante o inverno sobrevivem e multiplicam-se, em parte graças às alterações climáticas. «Os impactos nos rendimentos das culturas são fortes», explica Marin Desprez, «não só pelo aparecimento de novas doenças e pelos traumas vividos pelos agricultores, mas também pelo perigo que representam para a nossa segurança alimentar».

Com a extrema pressão sobre a agricultura, é natural temer o futuro. Marin Desprez acredita, no entanto, que a aposta renovada na inovação e no desenvolvimento de variedades vegetais abre enormes oportunidades. «Estou confiante que a nossa atividade, que tem uma verdadeira utilidade social, contribuirá para uma agricultura mais sustentável e uma melhor autonomia alimentar na Europa», afirma.

CAPITAL DE RISCO PARA O JANTAR: ALGUÉM É SERVIDO?

Combater a fome no mundo com capital de risco

Os parasitas atacam o gado. Para os combater, os agricultores têm de enviar amostras de excrementos para um laboratório e aguardar até cinco dias pelos resultados. Mas, frequentemente, limitam-se a administrar medicamentos, de forma indiscriminada, a todos os seus animais. «A utilização excessiva de medicamentos pode também afetar a cadeia alimentar», afirma Daniel Izquierdo, diretor executivo e cofundador da Micron Agritech. «O que entra no organismo dos animais acaba nos nossos pratos.»

Em colaboração com outros estudantes da Universidade Tecnológica de Dublin, Daniel Izquierdo desenvolveu uma solução baseada em aprendizagem automática que permite aos agricultores realizarem, eles próprios, testes rápidos com um *kit* especial e um *smartphone*.

Graças ao projeto, a equipa ganhou vários prémios e recompensas monetárias, pelo que, em 2019, estava pronta para abandonar as instalações da universidade e criar a sua própria empresa. Um investimento em fundos próprios do The Yield Lab Europe, uma empresa de capital de risco apoiada pelo Fundo Europeu de Investimento, ajudou-os a dar o passo seguinte. «Ajudaram-nos a desenvolver o nosso produto e foi graças a eles que chegámos onde estamos hoje», afirma Daniel Izquierdo.

A Micron Agritech é um exemplo da forma como o capital de risco contribui para fazer chegar a tão necessária inovação ao setor agrícola. Prevê-se que a população mundial atinja um número recorde de 10,4 mil milhões de pessoas daqui a cerca de 60 anos, mas suprir as necessidades alimentares de tanta gente não será fácil para o nosso planeta, cujos recursos se encontram já numa situação-limite. O capital de risco para apoiar a inovação e as novas tecnologias é fundamental para garantir que as gerações futuras não passarão fome, razão pela qual o Fundo Europeu de Investimento investe em fundos como o The Yield Lab Europe.

«Através do investimento em fundos geridos por sociedades de capital de risco e de *private equity*, podemos multiplicar os recursos que colocamos à disposição do mercado», explica Adelaide Cracco, responsável do Fundo Europeu de Investimento para as questões relativas ao impacto no clima e no ambiente. «Quando trabalhamos desta forma com os investidores, cada euro que investimos mobiliza mais quatro euros de outros investidores.»

Produzir mel com inovação

Outra empresa de agrotecnologia em fase de arranque apoiada pelo Fundo Europeu de Investimento é a ApisProtect, com sede em Cork, na Irlanda, que desenvolveu um sistema inovador que ajuda os apicultores a aumentar a produtividade e a reduzir os custos.

Utilizando uma combinação da Internet das coisas e das tecnologias de inteligência artificial, a ApisProtect extrai e interpreta à distância dados de colmeias.

Os investimentos em capital de risco, como os realizados na Micron Agritech e na ApisProtect, promovem a inovação nas fases iniciais de desenvolvimento. «Inovações como estas podem ter um potencial transformador capaz de revolucionar setores industriais inteiros», explica Adelaide Cracco, do Fundo Europeu de Investimento, «e criar novos produtos e tecnologias necessários para o futuro, que terão um enorme impacto».

A ASCENSÃO DOS ROBÔS DE ENTREGA

A empresa de robótica Starship Technologies está a redefinir os nossos hábitos de compras e entregas ao domicílio, conjugando a inovação ecológica com a mobilidade urbana

Imagine este cenário: acabou de chegar a casa, vindo do trabalho, e está com fome. Decide então fazer uma encomenda *online* de comida e aguardar que esta seja entregue. Mas, quando abre a porta, depois de receber uma notificação de entrega, não vê ninguém, exceto um pequeno robô branco com um aspeto futurista, do tamanho de um cesto de compras.

Pode parecer um cenário de ficção científica, mas já é uma realidade para muitos consumidores na Estónia, na Finlândia, na Dinamarca, no Reino Unido e nos Estados Unidos.

Por detrás desta inovação está a Starship Technologies, uma empresa fundada em 2014 na Estónia por Ahti Heinla e Janus Friis, arquiteto-chefe e cofundador do Skype, respetivamente. Desde então, a empresa efetuou acima de 3,5 milhões de entregas comerciais, percorrendo uma distância total superior a 7 milhões de km a nível mundial, mais do que qualquer um dos seus concorrentes.

Robôs de entrega vindos do futuro

Os robôs da Starship assemelham-se mais ao R2-D2 de George Lucas do que ao *Terminator* de James Cameron, mas não se deixe enganar pela sua aparência simpática: são resistentes. Graças às suas 12 câmaras e seis rodas, os robôs conseguem subir passeios, contornar objetos, desviar-se de peões próximos e mesmo detetar obstáculos, como veículos em movimento, até 300 metros de distância.

Além disso, podem tornar as entregas mais inteligentes. Equipados com motores elétricos e guiados por uma combinação de sensores, inteligência artificial e aprendizagem automática, são capazes de identificar os percursos mais curtos e mais seguros, reduzindo consideravelmente o tempo e a pegada de carbono das entregas. «Em média, uma entrega da Starship consome a mesma quantidade de energia que uma chaleira a ferver água para uma chávena de chá», explica Henry Harris-Burland, vice-presidente da Starship.

Soluções mais ecológicas e mais inovadoras

O transporte de mercadorias é uma grande fonte de poluição em muitas cidades, mas os robôs de entrega da Starship podem reduzir os congestionamentos e as emissões poluentes no último quilómetro. «Cada robô pode substituir, em média, dez automóveis», afirma Henry Harris-Burland. «Um estudo recente, realizado em parceria com o Milton Keynes Council, no Reino Unido, demonstrou que foram evitadas mais de 280 000 viagens de automóvel graças aos nossos robôs, o que corresponde à emissão de 137 toneladas de CO₂ e de 22 kg de óxido nitroso.»

O Banco Europeu de Investimento apoia a empresa através de um empréstimo de 50 milhões de EUR de quase-capital de risco, assinado em janeiro de 2022. Este financiamento, apoiado pelo Fundo Europeu para Investimentos Estratégicos, enquadra-se no âmbito do Mecanismo Europeu de Financiamento do Crescimento, concebido para dar resposta à escassez de capital de risco para empresas inovadoras em fase de arranque na Europa.

CRIAR LÍDERES DA INTERNET DAS COISAS

Duas empresas europeias estão a transformar a Internet das coisas (IdC) com serviços digitais inovadores para o setor da construção

A tecnologia da Internet das coisas (IdC) pode transformar e otimizar o modo como vivemos, conduzimos, trabalhamos, fabricamos produtos ou recebemos cuidados de saúde, bem como contribuir para reduzir o consumo de energia e as emissões de carbono. Com uma utilização estimada de mais de 41 mil milhões de dispositivos da IdC até 2025, a Internet das coisas é uma parte essencial da transformação digital e uma tecnologia fundamental para a autonomia digital da Europa.

Fundada em Cracóvia, na Polónia, a Kontakt Micro-Location (conhecida como Kontakt.io) é uma empresa da IdC que utiliza a tecnologia Bluetooth para revolucionar os sistemas de localização em interiores. «Durante anos, outras empresas propuseram soluções monolíticas complexas e dispendiosas», explica Philipp von Gilsa, diretor executivo da Kontakt.io. «Nós criamos dispositivos da IdC inteligentes, soluções de computação em nuvem e programas informáticos poderosos capazes de transformar os edifícios em ambientes interiores sustentáveis.»

Criar interações entre pessoas, objetos e edifícios

A Kontakt.io utiliza inteligência artificial, sensores e tecnologias de computação em nuvem, recorrendo às redes sem fios dos edifícios, para criar uma nova camada de metadados para edifícios inteligentes.

Grças às aplicações de deteção automática da localização criadas pela Kontakt.io, o pessoal de enfermagem pode encontrar facilmente o equipamento médico desinfetado mais próximo disponível. Os gestores, por sua vez, podem utilizar o espaço de escritório e a energia de forma mais eficiente.

«Os nossos produtos ajudam a otimizar o consumo de energia de um edifício», afirma Łukasz Szelejewski, diretor técnico da Kontakt.io. «Sabendo como os edifícios são efetivamente utilizados, dispomos dos dados necessários para minimizar o consumo de aquecimento, de ventilação e de ar condicionado de um edifício, reduzindo os custos de energia em 35 %.»

O Banco Europeu de Investimento apoia a Kontakt.io com um empréstimo de 12 milhões de EUR, assinado em fevereiro de 2022, através do seu Fundo de Garantia Europeu, um mecanismo concebido para ajudar as empresas europeias a fazer face ao impacto económico da pandemia de COVID-19. Muitos dos seus beneficiários são empresas tecnológicas em fase de arranque que, de outro modo, poderiam ter-se visto obrigadas a obter financiamento nos Estados Unidos ou na China.

Produtos da IdC fabricados na Lituânia

Outra empresa da IdC que beneficia de apoio do Banco Europeu de Investimento é o Teltonika IoT Group, que produz redes sem fios e equipamentos inovadores, tais como localizadores de veículos, GPS e modems.

«Quando iniciámos a nossa atividade, em 1998, éramos uma empresa lituana muito pequena e com inúmeros desafios difíceis pela frente», recorda Arvydas Paukštys, fundador e presidente do Teltonika IoT Group. «Agora, vendemos os nossos produtos da IdC, exclusivos e fabricados na Lituânia, em mais de 160 países.»

Em maio de 2022, o Banco Europeu de Investimento assinou um contrato de 50 milhões de EUR para apoiar a Teltonika, coberto por uma garantia do orçamento da UE ao abrigo do Fundo Europeu para Investimentos Estratégicos.

MEDICAMENTOS PARA MATAR O CANCRO

Uma empresa polaca desenvolve novos medicamentos para combater o cancro do sangue e os tumores sólidos com terapias específicas

A leucemia mieloide aguda é uma forma grave de cancro do sangue. Conhecida como LMA, é relativamente rara, com cerca de 20 000 novos casos por ano na Europa e igual número nos Estados Unidos. No entanto, é extremamente agressiva e, para os doentes adultos, tem a menor taxa de sobrevivência de todos os cancros do sangue.

Os novos medicamentos desenvolvidos pela Ryvu Therapeutics, uma empresa polaca de biotecnologia, podem dar uma nova esperança aos doentes que sofrem de LMA e de outros cancros potencialmente fatais.

«O nosso corpo é uma ferramenta muito poderosa», afirma Krzysztof Brzozka, diretor científico da Ryvu. «Todos tivemos, em algum momento, células cancerosas no nosso corpo, mas nem nos apercebemos da sua presença porque o nosso sistema imunitário eliminou essas células tumorais. No entanto, em raras ocasiões, as células disfuncionais são tão agressivas ou imunossupressoras que surgem os tumores e estes propagam-se como doenças oncológicas.»

Pequenas moléculas com imenso potencial

O Banco Europeu de Investimento concedeu à Ryvu um **financiamento de dívida de risco no valor de 22 milhões de EUR** para apoiar a investigação e os ensaios clínicos realizados pela empresa.

A Ryvu desenvolveu a capacidade de identificar e otimizar rapidamente moléculas, graças a diferentes mecanismos de ação adaptados aos diversos tipos de cancro e métodos de tratamento. Atualmente, a empresa tem dois medicamentos experimentais em fase de ensaios clínicos, o SEL24 e o RVU120, tanto um como o outro inibidores da quinase que bloqueiam os processos celulares propícios ao desenvolvimento do cancro.

Ambos os medicamentos estão a ser testados para o tratamento do cancro do sangue. O RVU120 está também a ser testado para o tratamento de tumores sólidos, como o cancro da mama ou o cancro da próstata. Estes medicamentos experimentais apresentam-se sob a forma de cápsulas e podem ser tomados em casa, o que constitui uma grande vantagem para os doentes que, por regra, enfrentam já idas frequentes ao hospital, transfusões de sangue, infeções recorrentes, dores e fadiga.

Fundos da UE para a investigação de ponta na Polónia

O financiamento de dívida de risco do Banco Europeu de Investimento é coberto pela garantia do Fundo Europeu para Investimentos Estratégicos (FEIE). «Ficámos impressionados com o volume de dados que acumularam até agora», refere Cristina Niculescu, especialista sénior em ciências da vida do Banco Europeu de Investimento. «A sua estratégia parece muito promissora.»

Contudo, os projetos de biotecnologia apresentam um risco relativamente elevado, devido à incerteza dos resultados dos ensaios clínicos. «Sem a garantia do FEIE, não poderíamos financiar este projeto», explica Anna Stodolkiewicz, gestora de investimentos do Banco Europeu de Investimento.

Desde 2015, o BEI investiu cerca de mil milhões de EUR em projetos de investigação para o tratamento do cancro, uma doença que, por ano, mata 10 milhões de pessoas em todo o mundo. «Muitos projetos podem não ser bem-sucedidos, e corremos o risco de perder dinheiro que poderia ter sido utilizado para construir uma nova autoestrada», afirma Cristina Niculescu. «Mas, se um deles tiver êxito, mudará a vida de milhões de pessoas.»

O FUTURO NÃO SERÁ BINÁRIO

Uma empresa finlandesa vai além dos zeros e uns do sistema binário para construir computadores quânticos capazes de acelerar as descobertas científicas e melhorar a vida de todos

A expressão «computador quântico» faz lembrar, provavelmente, os filmes de ficção científica de Hollywood, nos quais esta tecnologia é utilizada para manipular o tempo e fornecer energia a cidades futuristas. Mas os computadores quânticos são uma realidade. Os especialistas acreditam que podem mudar o mundo, criar tecnologias futuristas e tornar realidade os sonhos da ficção científica.

A empresa finlandesa IQM Quantum Computers está a participar nestes primeiros passos da era da computação quântica. «Somos a primeira unidade de fabrico de componentes de computação quântica da Europa», afirma Juha Vartiainen, cofundador e diretor de operações da IQM. «Os nossos processadores e computadores quânticos podem revolucionar muitos setores, desde o desenvolvimento de medicamentos e vacinas à cibersegurança, e introduzir inovações importantes nos domínios das tecnologias climáticas.»

A computação quântica é considerada o próximo grande salto tecnológico, e os especialistas preveem que o mercado chegue aos 770 milhões de USD em 2025. Foi por este motivo que o Banco Europeu de Investimento concedeu à IQM um empréstimo de 35 milhões de EUR, assinado em fevereiro de 2022, através do seu Fundo de Garantia Europeu.

O que são computadores quânticos?

Em 1981, Richard Feynman, um físico visionário, alvitrou a hipótese de um computador quântico ser capaz de realizar simulações de sistemas físicos impossíveis de obter com um computador clássico. Infelizmente, naquela altura, ninguém sabia como construir esse computador.

Dezassete anos mais tarde, Isaac L. Chuang, Neil Gershenfeld e Mark Kubinec provariam que tal era possível ao criarem o primeiro computador quântico de dois bits quânticos (*qubits*). Este avanço tecnológico abriria caminho a um computador quântico à escala real, um objetivo ainda não concretizado.

Um computador comum processa bits digitais de zeros e uns. Os computadores quânticos utilizam bits quânticos, ou *qubits*, que podem armazenar os valores zero, um, zero e um, ou um número infinito de valores entre zero e um, o que aumenta de forma gigantesca a sua capacidade de cálculo.

Por exemplo, um futuro computador quântico seria capaz de contornar qualquer sistema de segurança comum atual em apenas alguns segundos. Os melhores supercomputadores de hoje em dia demorariam milhões de anos a executar a mesma tarefa.

Os computadores quânticos realizarão essencialmente as mesmas tarefas que os nossos computadores atuais, só que de forma muito mais rápida. Mas esta nova tecnologia pode permitir muitas outras utilizações.

«Com computadores quânticos, poderíamos simular reações químicas, facilitando o desenvolvimento de medicamentos e a produção de diferentes materiais», explica Juha Vartiainen. «Do setor financeiro ao setor energético, da medicina às ciências dos materiais, da logística às indústrias avançadas, a computação quântica acelera descobertas e inovações que permitem melhorar a vida de todos.»

“**Os nossos processadores e computadores quânticos podem revolucionar muitos setores, desde o desenvolvimento de medicamentos e vacinas à cibersegurança, e introduzir inovações importantes nos domínios das tecnologias climáticas.**”

Juha Vartiainen, cofundador e diretor de operações da IQM Quantum Computers

A dívida de risco é um catalisador da investigação quântica

A Europa tem uma sólida tradição de investigação quântica, contando com muitos dos principais centros de investigação mundiais no seu território. Mas a China e os Estados Unidos estão a começar a liderar a corrida no setor.

O Fundo de Garantia Europeu do banco da UE visa reforçar a competitividade da Europa, apoiando as empresas atingidas pela recessão económica provocada pela COVID-19, das quais muitas são empresas tecnológicas que não dispõem de reservas de capital suficientes, apesar de necessitarem de expandir a sua atividade. Este apoio é particularmente importante nos setores tecnológicos, já que as empresas europeias, de outro modo, poderiam ver-se obrigadas a recorrer a financiamento alternativo proveniente dos Estados Unidos ou da China.

«O Fundo permite-nos apresentar soluções de dívida de risco a longo prazo e dar resposta às necessidades únicas de financiamento de empresas inovadoras de rápido crescimento em setores cruciais para o futuro da Europa», refere Cristian Antoci, gestor de financiamento de dívida de risco e fundos próprios do Banco Europeu de Investimento.

Com o apoio do Banco Europeu de Investimento, a IQM pode continuar a ser pioneira na investigação quântica na Europa e no mundo. «O financiamento será utilizado para continuar a desenvolver e a expandir as nossas operações na Europa», explica Pia-Johanna Lemmetty, diretora financeira da IQM. «Também nos ajudará a prosseguir o desenvolvimento do nosso produto e a expansão da nossa equipa de especialistas extremamente talentosos.»

Encontrar soluções quânticas para problemas modernos

A IQM pretende utilizar a sua inovação para combater a crise climática.

«A computação quântica pode ter um papel importante na procura de soluções para as questões climáticas», afirma Juha Vartiainen. «Pode permitir o desenvolvimento de baterias mais eficientes para substituir o motor de combustão, o aperfeiçoamento das tecnologias de modelação meteorológica ou a otimização da rede energética para reduzir as emissões de CO₂ dos fluxos de tráfego urbano.»

A empresa contribui igualmente para a criação do ecossistema quântico europeu da próxima geração.

Em dezembro de 2021, a empresa abriu uma unidade de fabrico especializada, em Espoo, na Finlândia. Esta nova unidade criará postos de trabalho de alta tecnologia e incentivará a investigação à escala mundial, através da colaboração com universidades e centros de investigação internacionais.

EM BUSCA DE UM SENTIDO

Desde satélites a carregadores de veículos elétricos e práticas agrícolas benéficas para os solos, a Ananda Impact Ventures, pioneira do investimento de impacto, apoia empresas que trabalham em prol da sociedade e do ambiente

Florian Erber já tinha uma carreira de sucesso. Engenheiro eletrotécnico, trabalhara no setor do capital de risco na Califórnia e em Munique. Vendera a sua própria empresa em fase de arranque a uma grande multinacional. No entanto, tinha dificuldade em explicar a sua carreira à filha de quatro anos. «O que faltava», explica, «era dar um sentido a tudo isto».

Foi a partir daí que surgiu a ideia de se lançar no então ainda incipiente setor do investimento de impacto. «Decidi que assim poderia explicar à minha filha que estou a ajudar a melhorar o ambiente. Era isso que eu iria dizer-lhe, não só a ela, mas também a mim próprio.»

O fundo de investimento que Florian Erber criou em 2009 com Johannes Weber nasceu da vontade de «investir em empresas que fossem verdadeiramente um fator de mudança» e é agora um dos pilares do investimento de impacto, um setor em franca expansão. Em maio de 2022, terminou o período de subscrição do quarto fundo de investimento da Ananda Impact Ventures, com um volume de 108 milhões de EUR, incluindo um investimento – o terceiro – do Fundo Europeu de Investimento.

«Os fundos em que investimos estão a medir o seu impacto», afirma Maximilian Heyde, gestor de investimentos do Fundo Europeu de Investimento, filial do Banco Europeu de Investimento. «Esses fundos têm como objetivo resolver problemas sociais ou ambientais, ao mesmo tempo que geram retorno financeiro para os investidores.»

O Fundo Europeu de Investimento, em especial, é essencial para o investimento de impacto. «O FEI começou, desde muito cedo, a criar o mercado do investimento de impacto», explica Florian Erber. «Foi graças ao FEI que o nosso segundo fundo se tornou uma realidade.»

O investimento de impacto financia inovações que beneficiam a Europa

Os investimentos de impacto contribuem igualmente para reforçar a competitividade da Europa a nível mundial, através do financiamento de inovações que, de outro modo, teriam de recorrer a financiamento dos Estados Unidos ou da Ásia, o que teria repercussões na **segurança do aprovisionamento** do continente. «Frequentemente, os fundos de capital de risco europeus são demasiado pequenos para apoiar as últimas fases de crescimento, pelo que as empresas dependem de fundos de maior dimensão dos Estados Unidos ou da China», explica Maximilian Heyde, do FEI. «Um dos nossos objetivos estratégicos consiste em disponibilizar capital adicional para ajudar os fundos de capital de risco a aumentar o financiamento de empresas em expansão cujas tecnologias tenham um impacto positivo no clima ou no ambiente.»

Desde 2008, o Fundo Europeu de Investimento investiu 1,4 mil milhões de EUR em fundos de investimento de impacto, mais de metade dos quais nos últimos três anos. Prevê-se que esta atividade aumente significativamente nos próximos anos, uma vez que o FEI se comprometeu a dedicar, pelo menos, 25 % do seu volume de investimento anual a projetos nos domínios do clima e do ambiente.

“ No passado, a Europa teve dificuldades em levar a cabo a digitalização. Agora, temos um mercado em que estamos à frente dos Estados Unidos. É importante manter essa posição de liderança para podermos ter sucesso a nível mundial. ”

Jörg Heuer, fundador e diretor executivo da EcoG

Ao apoiar as empresas em fase de arranque, a UE evita que as empresas de capital de risco dos Estados Unidos e da Ásia tenham uma posição predominante no mercado. Uma das empresas em que a Ananda investiu, a EcoG, iniciou a sua atividade há cinco anos, em Detroit. Um ano depois, no entanto, a administração decidiu prosseguir o desenvolvimento da empresa em Munique. «A infraestrutura de carregamento de veículos elétricos é um mercado em que a Europa possui um avanço considerável em relação aos seus concorrentes», afirma Jörg Heuer, fundador e diretor executivo da EcoG. «No passado, a Europa teve dificuldades em levar a cabo a digitalização. Agora, temos um mercado em que estamos à frente dos Estados Unidos. É importante manter essa posição de liderança para podermos ter sucesso a nível mundial.»

Um androide para o carregamento de veículos elétricos

Jörg Heuer descreve o produto da EcoG como «um androide ao serviço da infraestrutura de carregamento de veículos elétricos». As estações de carregamento inteligentes da empresa permitem que os consumidores carreguem os seus veículos quando o preço da eletricidade é mais baixo devido à elevada disponibilidade de energia renovável. Trata-se de uma mais-valia importante, uma vez que o aumento esperado do número de veículos elétricos pode colocar em risco a capacidade elétrica da Europa.

A EcoG dá um duplo impulso à luta contra as alterações climáticas: por um lado, reduz «a ansiedade pela falta de autonomia» e torna mais atrativa a aquisição de um veículo elétrico; por outro, torna mais ecológica a energia que os novos veículos consomem. «Se continuarmos a produzir carregadores de veículos elétricos da mesma forma que fabricamos torradeiras, não teremos a flexibilidade necessária para os adaptar ao longo do tempo», explica Jörg Heuer. «Durante o ciclo de vida de um *smartphone*, o utilizador pode inovar e instalar novas funcionalidades no telemóvel. Temos a mesma visão para os carregadores de veículos elétricos.»

Crescimento do investimento de impacto

O sucesso de empresas como a EcoG é gratificante para Florian Erber, que viu o mercado de investimento de impacto crescer ao mesmo tempo que a sua filha, Natalie, que tem agora 18 anos.

«Quando comecei a trabalhar no investimento de impacto, muitos dos meus colegas do setor do capital de risco perguntavam-me: "Isso é muito interessante, mas dá para viver? Como é que vais ganhar dinheiro?"», recorda. «Agora, são eles que nos contactam, porque já perceberam que as empresas de capital de risco tradicionais têm de adaptar-se e encarar o impacto de forma mais séria.»

Tal como a jovem Natalie Erber, o investimento de impacto atingiu a maioridade e as perspetivas são promissoras.

CÉLULAS PARA CURAR A INCONTINÊNCIA

Uma empresa austríaca de biotecnologia está a desenvolver terapias celulares para a incontinência que poderão ajudar milhões de pessoas a retomar uma vida ativa

Imagine que vai a correr para a casa de banho e não consegue chegar a tempo. Uma ideia aterradora, mas, infelizmente, uma realidade para muitas pessoas. Só na Europa, cerca de 20 milhões de adultos sofrem de incontinência fecal. A incontinência urinária é ainda mais frequente.

A Innovacell, uma empresa austríaca de biotecnologia, está a desenvolver terapias celulares que podem resolver o problema. A terapia injeta células precursoras de músculo do próprio doente no esfíncter lesionado ou debilitado, ajudando-o a regenerar-se e a recuperar a sua funcionalidade.

Para acelerar a fase final dos ensaios clínicos, a Innovacell recebeu, em dezembro de 2021, um empréstimo de capital de risco de 15 milhões de EUR do Banco Europeu de Investimento. As atividades de desenvolvimento abrandaram durante a pandemia de COVID-19, pelo que estes fundos ajudarão a empresa a manter a liderança em relação à concorrência.

«Nos Estados Unidos, existe uma empresa que trabalha neste tipo de terapia. Está, no mínimo, cinco anos atrás de nós em matéria de desenvolvimento», explica Ekkehart Steinhuber, diretor executivo da empresa. «O empréstimo foi fundamental para garantir aos investidores que teríamos fundos suficientes no futuro próximo.»

A cura da incontinência melhora a qualidade de vida

A incontinência é mais prevalente nas pessoas idosas, sendo a segunda causa mais frequente de internamento em lares de idosos. No entanto, a doença também afeta os jovens. As mulheres, por exemplo, podem sofrer lesões do esfíncter durante o parto.

Atualmente, «as pessoas não têm muitas opções para conter as perdas», explica Valeria Iansante, especialista em ciências da vida do Banco Europeu de Investimento. Os tratamentos existentes vão desde a fisioterapia e a mudança do regime alimentar à medicação, à estimulação elétrica e a várias formas de cirurgia. Alguns desses tratamentos são particularmente invasivos e, com frequência, não têm um efeito duradouro.

Uma injeção única para uma cura a longo prazo

A Innovacell optou por uma abordagem diferente. O procedimento consiste em retirar do músculo peitoral do doente uma pequena porção de tecido muscular, do tamanho de um caroço de cereja, isolar as células estaminais do tecido e transformá-las em células precursoras de músculo que são depois reinjetadas no esfíncter do doente, onde ajudam o músculo a regenerar-se e a recuperar a sua funcionalidade.

A empresa utiliza tecnologia patenteada para implantar as células com uma agulha finíssima. O procedimento, guiado por ultrassons, é minimamente invasivo, muito preciso e pode proporcionar uma cura definitiva: «Temos dados de doentes tratados há oito anos», refere Ekkehart Steinhuber, que dirige a empresa desde 2009. «O efeito do tratamento é duradouro.»

“ O empréstimo foi fundamental para garantir aos investidores que teríamos fundos suficientes no futuro próximo. ”

Ekkehart Steinhuber, diretor executivo da Innovacell

O apoio da UE ao longo do processo de aprovação

A Innovacell possui três produtos experimentais para tratar diferentes tipos de incontinência fecal e urinária. O principal produto experimental, o ICEF15, que trata a «incontinência fecal de urgência», entrou na fase III, a última fase de ensaios clínicos antes da aprovação regulamentar. Nesta fase, a empresa precisa de efetuar um investimento significativo. «Um estudo deste tipo custa dezenas de milhões de euros», explica Ekkehart Steinhuber.

Na Europa, não é fácil obter financiamento nesta fase e neste setor. Por esse motivo, muitas empresas procuram financiamento nos Estados Unidos ou na Ásia, o que resulta, frequentemente, num êxodo do conhecimento científico europeu.

«Os investidores europeus têm pouco interesse nas terapias celulares», lamenta Cyril Teixeira da Silva, gestor de investimentos do Banco Europeu de Investimento que participou na estruturação do empréstimo à Innovacell. «Mas gostaríamos de manter esta inovação na Europa.»

Enquanto banco da UE, o BEI pôde propor à Innovacell um financiamento de capital de risco coberto pelo Fundo de Garantia Europeu, um fundo criado para ajudar as empresas afetadas pela pandemia. «Continua a ser um investimento de risco», explica Cyril Teixeira da Silva. «Sem a garantia, ainda não seria passível de financiamento. No mínimo, teríamos de aguardar que a fase III produzisse resultados positivos.»

Japão, um país promissor para a medicina regenerativa

A Innovacell vê grandes oportunidades no Japão, cuja população idosa torna o país um mercado dinâmico para o tratamento da incontinência. A empresa está a realizar ensaios da fase III também no Japão, a fim de obter a aprovação do seu produto. O país é atrativo porque o potencial das terapias regenerativas é reconhecido, o que permite às empresas que desenvolvem estes tratamentos com uma forte componente de investigação cobrar preços mais elevados.

Ao financiar a Innovacell, uma *spin-off* universitária da Faculdade de Medicina de Insbruke criada em 2000, o Banco permite à empresa exportar os seus conhecimentos científicos à escala global, beneficiando as pessoas da União Europeia e do resto do mundo.

«A Innovacell pode representar o futuro da medicina regenerativa», afirma Valeria Iansante, especialista do BEI. «As necessidades médicas são elevadas e os benefícios para os doentes podem ser significativos. É por este motivo que colocamos fundos da UE à disposição desta empresa.»

LIGAÇÕES GLOBAIS

“ A cooperação regional entre a União Europeia e os seus países vizinhos é mais importante do que nunca. O Banco Europeu de Investimento é uma espécie de ponte que liga pessoas e locais através de projetos sustentáveis que constroem uma vida melhor para as gerações atuais e futuras. **”**

Souad Farsi, chefe do gabinete do BEI em Amã, na Jordânia

Confrontado com várias crises mundiais, o Banco Europeu de Investimento reformulou o seu modo de atuação fora da União Europeia, a fim de reforçar o impacto da sua resposta aos desafios globais. A EIB Global, a direção do BEI dedicada ao desenvolvimento, criada em 2022, concretiza em projetos e produtos reais os objetivos da União Europeia em matéria de sustentabilidade, desenvolvimento, ação climática e digitalização. Cada projeto realizado pela EIB Global dá resposta a uma necessidade económica vital e promove os valores da liberdade, da dignidade humana e do Estado de direito num mundo que é menos estável do que pensávamos.

A EIB Global visa fomentar a criação de parcerias sólidas, centradas em objetivos específicos, no âmbito da Equipa Europa e através desta, bem como com os nossos parceiros em todo o mundo.

HARMONIZAR O MICROFINANCIAMENTO

A assistência técnica da UE ajudou a instituição palestina de microfinanciamento Faten a desbloquear 8 milhões de USD para apoiar pequenas empresas

O maior desejo de Shua'a Yassin é poder disponibilizar exames especializados de melhor qualidade, mais rápidos e com um espectro mais abrangente aos doentes que chegam ao seu laboratório na cidade de Ramallah, na Cisjordânia. Técnico de laboratório especializado em hematologia, Shua'a Yassin deixou o seu emprego no Ministério da Saúde palestino, em 2014, para fundar a Lab Tech.

«No início, éramos um laboratório generalista e realizávamos exames de rotina simples, não éramos um laboratório especializado», explica. «Depois, a nossa atividade cresceu e começámos a especializar-nos em hematologia e em análises moleculares.» O seu laboratório emprega atualmente nove mulheres e homens.

Para expandir os serviços do laboratório, Shua'a Yassin necessitava de equipamento mais sofisticado. Conseguiu adquiri-lo com a ajuda de empréstimos da Palestine for Credit and Development – Faten, uma instituição de microfinanciamento com sede em Ramallah que, em 2022, recebeu a segunda *tranche* de um empréstimo de 10 milhões de USD do Banco Europeu de Investimento.

A Faten foi criada em 1999, sendo atualmente a maior instituição de microfinanciamento na Cisjordânia e em Gaza. Detém uma carteira cujo valor pendente é de quase 157 milhões de USD, com 26 400 beneficiários ativos, segundo Hamza Ghannam, diretor do departamento de crédito da instituição.

Harmonizar as cláusulas

Em 2019, o Banco Europeu de Investimento assinou um acordo de empréstimo de 10 milhões de USD com a Faten. O primeiro desembolso, no valor de 2 milhões de USD, foi efetuado em 2020. Devido a uma combinação de circunstâncias desfavoráveis, a Faten teve dificuldade em cumprir as condições do empréstimo, o que provocou um atraso no desembolso dos restantes 8 milhões de USD.

O facto de a Faten ter assinado cerca de 50 acordos financeiros diferentes com 17 mutuários distintos, incluindo o Banco Europeu de Investimento, constituía um obstáculo significativo. A instituição de microfinanciamento tinha dificuldade em controlar a multiplicidade de condições de empréstimo.

A fim de ultrapassar esta situação e viabilizar o desembolso dos restantes 8 milhões de USD, o banco da UE propôs ajudar a Faten através do Programa de Assistência Técnica para a Inclusão Financeira na Vizinhança Meridional. O programa é financiado ao abrigo do mecanismo de capital de risco para os países da Vizinhança Meridional, criado pelo Banco Europeu de Investimento e pela Comissão Europeia para promover a inclusão financeira na região.

«O programa de assistência técnica abrange um conjunto de países: Marrocos, Tunísia, Jordânia, Argélia, Egito, Líbano e Palestina*», explica Emma-Jayne Paul, especialista de assistência técnica ao microfinanciamento da EIB Global, a direção do Banco Europeu de Investimento que gere projetos fora da União Europeia.

«Inicialmente, o programa deveria ter uma duração de três anos, mas, graças ao seu sucesso, será prolongado por mais dois anos, até ao final de janeiro de 2025», refere Emma-Jayne Paul.

“ Agora, estamos à procura de dispositivos que ainda não existem na nossa região, tais como dispositivos de sequenciação de nova geração e instrumentos mais especializados que analisam o ADN humano. ”

Shua’a Yassin, fundador da Lab Tech

Simplificar uma miríade de acordos

A Faten aceitou a ajuda de bom grado. A instituição de microfinanciamento tinha de respeitar vários conjuntos de condições de empréstimo, ou cláusulas, diferentes acordadas com 17 mutuários distintos. A tarefa era complicada, porque, por vezes, as cláusulas eram muito idênticas e continham apenas ligeiras diferenças entre si.

A Faten examinou todas as cláusulas e condensou-as em apenas seis. Em seguida, encetou um processo de negociação longo e complexo com cada um dos mutuários para que estes aceitassem as novas cláusulas.

Condições à prova de crises

A situação política na Cisjordânia e em Gaza é complicada, com crises frequentes. «Não controlamos as nossas fronteiras, quer se trate da fronteira entre a Jordânia e a Palestina, das fronteiras marítimas ou das fronteiras com outros países vizinhos, como o Líbano e a Síria», afirma Hamza Ghannam. «Esta situação dificulta as exportações e as importações com origem e destino noutros países.»

Por isso, durante a renegociação das cláusulas, era igualmente importante que os mutuários compreendessem a instabilidade inerente à atividade da Faten.

Os 17 mutuários acabaram por fazer cedências e todos aprovaram as mesmas seis cláusulas. Quando este processo de negociação ficou concluído, o BEI pôde desbloquear os 8 milhões de USD. Desde o desembolso, em julho, a Faten conquistou três novos mutuários, que também aceitaram as mesmas seis cláusulas.

A equipa de assistência técnica do Banco espera que seja possível reproduzir a iniciativa com outras instituições de microfinanciamento em economias atingidas por crises.

A Lab Tech volta-se para o futuro

Graças aos empréstimos que a Lab Tech recebeu da Faten, Shua’a Yassin conseguiu adquirir vários equipamentos de laboratório especializados para realizar análises hormonais e moleculares. Em fevereiro, utilizou os últimos 30 000 USD para adquirir equipamentos de testes PCR em tempo real.

«Agora, estamos à procura de dispositivos que ainda não existem na nossa região, tais como dispositivos de sequenciação de nova geração e instrumentos mais especializados que analisam o ADN humano», explica. «Estamos a tentar obter financiamento para adquirir esses equipamentos.»

* Esta designação não deve ser interpretada como reconhecimento do Estado da Palestina e não prejudica a posição de cada um dos Estados-Membros sobre esta questão.

OPORTUNIDADES PARA AS MULHERES NO SETOR ELÉTRICO

A empresa brasileira de energia elétrica Neoenergia abre a sua escola de eletricistas às mulheres para promover a inclusão social

Érica Carvalho de Oliveira vem de uma família de eletricistas. Atualmente, está prestes a tornar-se a primeira mulher eletricista da sua família, graças a um novo programa social criado pela empresa brasileira de energia elétrica Neoenergia.

«Tenho muito orgulho em participar num projeto que elimina as barreiras de género», afirma Érica. «Dá-nos a oportunidade de sair da nossa zona de conforto e de mostrar que qualquer trabalho pode ser feito tanto por homens como por mulheres.»

A Neoenergia é um dos maiores distribuidores de eletricidade do Brasil, com presença em 18 estados.

Em 2013, a empresa criou a Escola de Eletricistas da Baía, com o objetivo de melhorar a vida das pessoas em comunidades desfavorecidas. A Neoenergia promove a educação e a formação para melhorar a inclusão, ajudando não só as mulheres como também as pessoas das comunidades menos qualificadas ou mais pobres a encontrar melhores empregos.

Em 2019, a escola criou turmas especificamente para mulheres com o intuito de acabar com a ideia de que a profissão de eletricista é exclusiva dos homens.

«Este projeto foi criado e desenvolvido como uma forma de ajudar as pessoas das comunidades mais pobres a entrarem no mercado de trabalho e a terem as condições mínimas de subsistência, o que inclui o pagamento da renda e da alimentação», afirma Régia Barbosa, responsável pelo desenvolvimento organizacional na Neoenergia. «Trata-se não só de criar oportunidades para uma vida melhor, mas também de demonstrar que os setores de atividade geralmente associados aos homens oferecem igualmente oportunidades às mulheres.»

Em 2021, a empresa já tinha contratado mais de 1 600 profissionais formados na Escola de Eletricistas. Atualmente, graças ao programa, cerca de 300 mulheres tornaram-se eletricistas certificadas.

Encontrar um equilíbrio entre homens e mulheres

Em março de 2022, o Banco Europeu de Investimento assinou um empréstimo de 200 milhões de EUR com a Neoenergia, destinado a apoiar mais projetos de energias renováveis no Brasil. O investimento também ajudará a empresa a melhorar a igualdade de género e a reforçar a sua atividade social.

Joana Sarmento Coelho, gestora de empréstimos do Banco Europeu de Investimento que acompanhou o projeto, considera que o programa de formação de eletricistas da Neoenergia constitui um bom exemplo para outras empresas que procuram alargar a inclusão.

«Este projeto é motivo de grande orgulho para a Neoenergia», afirma Joana Sarmento. «Mostra que, independentemente do país ou do estatuto social e económico, querer é poder. E este é, sem dúvida, o caminho para assegurar uma maior igualdade de género e um futuro mais próspero.»

ENERGIA SOLAR PARA A ÁFRICA RURAL

Um amplo recurso a sistemas solares fora da rede transforma o acesso à energia na África rural

Cerca de 600 milhões de pessoas não têm acesso à eletricidade na África Subsaariana, apesar de alguns progressos realizados nos últimos anos e do forte crescimento do setor da energia solar fora da rede registado no continente durante a última década.

No Benim, apenas 40 % da população tem acesso à eletricidade, com uma disparidade acentuada entre as zonas urbanas (70 %) e as zonas rurais (18 %), o que significa que cerca de cinco milhões de pessoas continuam desprovidas de acesso à eletricidade. Apenas 10 % das famílias utilizam atualmente soluções solares fora da rede.

«Só no Benim, mais de um milhão de famílias não têm acesso a energia moderna e sustentável», explica Hendrik Engelmann-Pilger, economista sénior na divisão de Programas de Transição Energética do Banco Europeu de Investimento. «Essas famílias dependem essencialmente de candeeiros a petróleo, velas, lanternas e geradores para a iluminação e o carregamento de telemóveis. Estas soluções são dispendiosas, poluentes e, muitas vezes, ineficientes.»

As fontes de energia limpas e sustentáveis, como os dispositivos solares e os sistemas solares residenciais para os agregados familiares sem acesso à rede, têm custos iniciais elevados, o que representa um desafio para as famílias de baixos e médios rendimentos. A ENGIE Energy Access, o principal fornecedor de sistemas de energia solar mediante pré-pagamento (PAYGo) e de minirredes em África, propõe uma solução.

Energia limpa e acessível

Com o sistema de pré-pagamento, os clientes podem efetuar pequenos pagamentos a fim de desbloquear o sistema para utilizações de um dia ou uma semana de cada vez, até pagarem a totalidade do preço e os sistemas ficarem permanentemente desbloqueados. No Benim, as pessoas poderão reembolsar o custo do equipamento ao longo de vários anos, pagando menos de 20 cêntimos por dia.

O Banco Europeu de Investimento concedeu um empréstimo de 10 milhões de EUR à ENGIE Energy Access Benin para apoiar a instalação de 107 000 sistemas solares residenciais de elevada qualidade no Benim, o que permitirá que cerca de 643 000 pessoas naquele país da África Ocidental tenham acesso a energia limpa.

A nova operação no Benim surge na sequência do anterior apoio do BEI à ENGIE para a instalação de sistemas de energia solar fora da rede no Uganda.

«A nossa parceria com o Banco Europeu de Investimento no Benim disponibilizará sistemas de pré-pagamento extremamente acessíveis às comunidades rurais de todo o país, facultando-lhes acesso à energia solar limpa e contribuindo para a sua autonomia financeira», explica Gilian-Alexandre Huart, diretor executivo da ENGIE Energy Access.

CONFORTO É TER ÁGUA CORRENTE

Com o agravamento da crise da água no Senegal devido às alterações climáticas, novas infraestruturas proporcionam alívio a mais de um milhão de pessoas no país

Marie Sall levantou-se antes de amanhecer na esperança de ainda conseguir encher um bidão de água na torneira para os sete membros da sua família poderem beber e lavar-se ao longo do dia. Mas as torneiras estão secas há semanas em Pikine, um bairro da cidade de Saint-Louis, no norte do Senegal.

«Isto não é vida», lamenta Marie, enquanto partilha entre os seus cinco filhos uma garrafa de água generosamente oferecida pela sua vizinha. Marie não tem outra alternativa senão passar o resto do dia a procurar água para a sua família poder sobreviver.

Uma nova esperança surge sob a forma de um empréstimo de 64,5 milhões de EUR do Banco Europeu de Investimento, combinado com uma subvenção de 5,55 milhões de EUR da União Europeia, concedido à República do Senegal. Graças a este financiamento, a família de Marie e todos os residentes de Saint-Louis e de Kaolack e Kolda, duas cidades situadas no centro e no sul do Senegal, terão acesso a água potável.

«A água é vida. Orgulho-me de ter participado num projeto que ajudou as comunidades vulneráveis no Senegal. Mantivemo-nos ao lado dos nossos parceiros africanos e demos resposta aos tempos difíceis da COVID-19», afirma François-Xavier Parant, gestor de empréstimos sénior do Banco Europeu de Investimento que participou nesta operação.

O banco da UE intervém no Senegal desde 1966 e é hoje um dos principais parceiros do país. Este empréstimo ajudará o Senegal a garantir que todos os cidadãos têm acesso a água, num momento em que o crescimento demográfico e as secas severas intensificam a pressão sobre os escassos recursos hídricos.

Água para as pequenas cidades do Senegal

Com os seus 230 000 habitantes, a cidade de Saint-Louis está encaixada entre o rio Senegal e o Atlântico. Esta localização estratégica permitiu que a cidade prosperasse no passado, mas também a tornou vulnerável às alterações climáticas.

«Todo este sofrimento acabará com a nova estação de tratamento», explica Abdou Diouf, diretor da obra no terreno em representação da Société Nationale des Eaux du Sénégal, a companhia das águas do país.

Após a conclusão do projeto, Saint-Louis terá uma nova estação de tratamento de água potável, reservatórios para armazenamento e uma rede de distribuição alargada.

As cidades de Kolda e Kaolack beneficiarão igualmente de obras idênticas, que permitirão reforçar a rede de água e melhorar a qualidade da água potável para as 634 000 pessoas que vivem nas três cidades. Este projeto, alinhado com a iniciativa «Cidades Africanas Sustentáveis», é fundamental. Se não houver água nas pequenas cidades, os seus habitantes migrarão em busca de uma vida melhor.



Os empréstimos anteriores concedidos à companhia das águas do Senegal centraram-se na capital, Dacar

“ **Todo este sofrimento acabará com a nova estação de tratamento.** ”

Abdou Diouf, diretor da obra no terreno em representação
da Société Nationale des Eaux du Sénégal

«O investimento nas cidades secundárias é essencial para dar resposta à procura crescente de água e reduzir as desigualdades», explica Emmanuel Chaponniere, engenheiro sénior do Banco Europeu de Investimento que participa no projeto. Os empréstimos anteriores concedidos à companhia das águas do Senegal centraram-se na capital, Dacar.

Mais apoio para um maior impacto

Pessoas como Ouleymatou Diakhaté dependem de vendedores de garrafas de água para sobreviver. Mas aqueles que não podem pagar água engarrafada bebem água dos reservatórios, imprópria para consumo, o que agrava os problemas de saúde existentes causados pelas doenças transmissíveis pelo ar e pela água.

A subvenção de 5,55 milhões de EUR da União Europeia, mobilizada pelo Banco Europeu de Investimento no âmbito da Equipa Europa, ajudará a companhia das águas do Senegal a acelerar a instalação de 35 000 ligações de água potável subvencionadas que beneficiarão 350 000 pessoas em todo o país. «Estou muito feliz por termos conseguido multiplicar o impacto do projeto», explica Emmanuel Chaponniere.

O empréstimo do BEI e a subvenção da União Europeia beneficiam especialmente as mulheres, uma vez que a recolha de água é uma tarefa que cabe normalmente às mulheres e às raparigas, retirando-lhes tempo para estudarem ou exercerem uma atividade remunerada.

A mais-valia de poder contar com um parceiro sólido

A equipa do Banco Europeu de Investimento aprovou o projeto para as três cidades, rapidamente e à distância, durante a pandemia de COVID-19. Em outubro, tinham já sido desembolsados 13,5 milhões de EUR.

«Esta relação estreita e de longa data permitiu-nos acelerar o processo de avaliação. Sabíamos como a companhia das águas funcionava, e eles também nos conheciam bem», explica François-Xavier Parant. «Este é já o nosso quinto projeto com a Société Nationale des Eaux du Sénégal, desde 1995.»

Ao abrigo das medidas de resposta à emergência pandémica, o Banco Europeu de Investimento financiou, a título excecional, 90 % dos custos do projeto, em comparação com o máximo habitual de 50 %. **O financiamento suplementar do Banco permitiu ao Governo senegalês libertar até 34 milhões de EUR para a recuperação económica da crise da COVID-19.**

«A nossa mais-valia foi podermos contar com um parceiro sólido ao nosso lado», afirma Abdou Diouf.

SEMENTES DE ARROZ EFICIENTES

Novas variedades de arroz reduzem as emissões de carbono e ajudam os agricultores

A alteração dos padrões das monções na Índia está a causar prejuízos avultados num dos produtos agrícolas mais importantes do país: o arroz. Enquanto no centro e no sul da Índia houve um excesso de precipitação nos últimos meses, com inundações nas regiões meridionais de Kerala, Karnataka e Madhya Pradesh, as regiões do leste e do nordeste do país, como Uttar Pradesh, Bihar e Odisha, registaram temperaturas elevadas e pouca pluviosidade. Consequentemente, o Ministério da Agricultura indiano prevê que a colheita de arroz desta época diminua cerca de 6,77 milhões de toneladas, para 104,99 milhões de toneladas.

No entanto, as novas sementes e as técnicas de cultivo melhoradas desenvolvidas pela SeedWorks, uma empresa com sede em Hyderabad, estão a fazer a diferença. «Este ano, as vagas de calor destruíram muitas culturas na Índia», explica Sundar Raja Vadlamani, diretor da cadeia de abastecimento da SeedWorks. «A nossa empresa desenvolve plantas cujas características as tornam mais resistentes ao calor extremo e proporcionam rendimentos muito mais elevados.»

Afetada por secas, por inundações, pela salinidade e por temperaturas extremas, a produção de arroz é vítima das alterações climáticas. Mas é igualmente um dos principais contribuidores para as emissões de gases com efeito de estufa, representando cerca de 2,5 % de todas as emissões induzidas pelo homem, a par do setor da aviação mundial. O forte impacto da cultura de base no clima resulta principalmente da forma como é tradicionalmente cultivada. Os arrozais alagados criam condições ideais para o desenvolvimento de bactérias que emitem metano, um potente gás com efeito de estufa.

As variedades de arroz desenvolvidas pela SeedWorks necessitam de menos água, um recurso cada vez mais escasso na Índia, onde cerca de 600 milhões de pessoas enfrentam uma pressão elevada a extrema sobre os recursos hídricos. Esta característica, conjugada com novas técnicas que a empresa ensina aos agricultores, traduz-se numa cultura mais sustentável e com menor impacto climático.

A empresa estima ter ajudado a poupar cerca de 14 mil milhões de litros de água até à data, através da combinação das suas variedades de arroz, que consomem menos água, com uma série de iniciativas de conservação dos recursos hídricos, incluindo a utilização de contadores de água e a recolha de águas pluviais, bem como através de ações de formação, destinadas aos agricultores, sobre formas de otimizar o seu consumo de água.

A SeedWorks está igualmente a testar um novo método de plantação de arroz, com a ajuda de uma máquina que desenvolveu para semear os grãos de arroz diretamente nos campos, em vez de os cultivar primeiro em viveiros. Uma inovação que, segundo a empresa, deverá permitir poupar muita água.

Private equity e arroz sustentável

A SeedWorks dispõe de instalações de investigação e desenvolvimento em Singapura e está a expandir a sua atividade para as Filipinas. Os planos de desenvolvimento da empresa são apoiados por uma sociedade de *private equity* centrada no clima e na sustentabilidade ambiental, denominada GEF Capital Partners, com escritórios na Índia, na América Latina e nos Estados Unidos. Em 2022, a EIB Global, a direção do Banco Europeu de Investimento dedicada ao desenvolvimento internacional, autorizou um montante de 40 milhões de USD para o mais recente fundo da GEF, após ter investido mais de 25 milhões de USD num fundo anterior, em 2018.

“ Os impactos das alterações climáticas tendem a afetar de forma particularmente dura os grupos vulneráveis, como as famílias de baixos rendimentos e as mulheres. Todos os contributos para resolver o problema do clima costumam ter um impacto positivo também nesses grupos. ”

Raj Pai, sócio-gerente da GEF para a Ásia do Sul

«A GEF foi um dos primeiros pioneiros do investimento de impacto no domínio do clima», afirma Raj Pai, sócio-gerente da GEF para a Ásia do Sul. «Desde o início da década de 1990, temos interesse em diferentes domínios na Índia, no Sudeste Asiático e na América Latina, desde as energias renováveis à água e à segurança alimentar.»

Atualmente, a GEF acompanha o seu impacto nos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável das Nações Unidas, bem como os seus retornos financeiros, e investe apenas em empresas cujas atividades estejam em consonância com o Acordo de Paris sobre Alterações Climáticas. Tal significa que todos os seus investimentos são coerentes com a transição para um desenvolvimento com baixas emissões de gases com efeito de estufa e resiliente às alterações climáticas.

A sociedade de *private equity* também aderiu à iniciativa «2X Challenge» para o seu novo fundo. Esta iniciativa procura mobilizar 15 mil milhões de USD para apoiar as empresas que proporcionam às mulheres que vivem em economias emergentes acesso a cargos de liderança, a empregos de qualidade e a produtos e serviços que reforcem a sua participação económica e a sua inclusão.

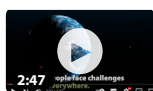
«Os impactos das alterações climáticas tendem a afetar de forma particularmente dura os grupos vulneráveis, como as famílias de baixos rendimentos e as mulheres», explica Raj Pai. «Todos os contributos para resolver o problema do clima costumam ter um impacto positivo também nesses grupos.»

Impacto do banco da UE

Para fundos como os da GEF, o Banco Europeu de Investimento mobiliza outros investidores que, de outro modo, poderiam não ter interesse no setor.

«A participação do Banco Europeu de Investimento em fundos como os da GEF atrai outros investidores e catalisa o investimento do setor privado em domínios onde este é absolutamente indispensável, como a ação climática e a sustentabilidade ambiental», explica Sissi Frank Perez, gestora de investimentos que integra a equipa de *private equity* da EIB Global.

«Os investimentos de *private equity* podem também desempenhar um papel único e importante nos mercados emergentes, não só como fonte de capital», afirma, «mas como fonte de conhecimentos especializados para ajudar as empresas a desenvolver, instituir e adotar boas práticas em matéria ambiental, social e de governação».



EIB Global

HOSPITAIS FLUTUANTES EM ÁGUAS REVOLTAS

Runa Khan acredita que todos devem ter acesso a cuidados de saúde. A sua organização, Friendship, fornece medicamentos e vacinas e presta formação em zonas remotas do Bangladexe

Durante uma viagem ao Bangladexe rural para promover um projeto educativo, Runa Khan viu famílias que não tinham acesso a cuidados médicos ou medicamentos, e decidiu fazer a diferença para toda a comunidade.

«Não podemos começar logo a tentar ter impacto no mundo inteiro», afirma Runa Khan. «Primeiro, temos de nos concentrar nas pessoas, compreender as suas necessidades e ajudá-las com amor.»

Durante toda a sua vida, Runa tem tentado mudar a sociedade para melhor. Um dos seus projetos sociais mais gratificantes teve início quando o marinheiro francês Yves Marre chegou ao Bangladexe, em 1994, com um batelão fluvial retirado de serviço para ser doado a uma obra de caridade. Esta embarcação acabaria por ajudar milhões de pessoas a obterem melhores cuidados de saúde e representou a primeira etapa da constituição da Friendship, uma organização com fins sociais que emprega mais de 4 000 pessoas e possui cinco filiais em todo o mundo.

O Banco Europeu de Investimento assinou um empréstimo de 250 milhões de EUR para apoiar a aquisição de vacinas e a campanha nacional de vacinação contra a COVID-19 no Bangladexe. Atualmente, graças a este apoio e à ajuda da Friendship, milhões de cidadãos do Bangladexe foram vacinados e receberam melhores cuidados de saúde.

«Através da cooperação com a Friendship, podemos reforçar o nosso impacto no terreno e alcançar um desenvolvimento sustentável e inclusivo», afirma Katrin Bock, gestora de empréstimos do Banco Europeu de Investimento responsável pelos investimentos no Bangladexe. «Consideramos a nossa parceria um modelo para investimentos no setor da saúde e em projetos relacionados com a COVID-19.»

Viver com as inundações no Bangladexe

O Bangladexe é uma terra de rios, situando-se cerca de 75 % do país abaixo do nível do mar. A geografia do país torna-o propenso a inundações frequentes e graves.

Os quatro milhões de pessoas que vivem nas ilhas flutuantes do rio Brahmaputra, conhecidas como «chars», são especialmente vulneráveis. Sempre que o rio transborda, as «chars» afundam-se e desaparecem, forçando a população a abandonar tudo e a migrar para uma nova terra. O problema está a agravar-se com as alterações climáticas. «Conheci pessoas que mudaram de casa mais de 40 vezes durante a vida», afirma Runa Khan.

Com os seus dois hospitais flutuantes e um terceiro instalado em terra, a Friendship presta cuidados de saúde aos habitantes das «chars» e da faixa costeira do Bangladexe, que assim podem beneficiar, a título gratuito, de cirurgias, medicamentos e exames médicos, bem como de tratamentos pediátricos, ginecológicos, dentários e oftalmológicos.

A fim de assegurar que ninguém fica sem assistência, a Friendship criou igualmente uma rede de clínicas satélite móveis e fixas, com o apoio de profissionais de saúde qualificados das comunidades locais. «Quem não tem um barco dificilmente tem acesso a cuidados», explica Runa Khan. «O nosso sistema de saúde inspirou-se nas necessidades da comunidade.»

“ Não podemos começar logo a tentar ter impacto no mundo inteiro. Primeiro, temos de nos concentrar nas pessoas, compreender as suas necessidades e ajudá-las com amor. ”

Runa Khan, fundadora da Friendship

Garantir o acesso às vacinas

O Bangladexe tem sensivelmente o tamanho da Grécia, mas a sua população é 16 vezes superior. Quando a COVID-19 atingiu o país, a vacinação era a única forma de manter uma vida normal sem a ameaça iminente de uma doença mortal.

A Friendship desempenhou um papel importante no fornecimento de vacinas às pessoas que viviam em locais de difícil acesso. A organização realizou campanhas de sensibilização para promover a vacinação e apoiou a sua implementação em zonas remotas, por exemplo, efetuando o registo de doentes e prestando assistência no seu transporte para os centros de vacinação.

No início de junho de 2021, menos de 4 % da população do Bangladexe tinha recebido duas doses da vacina. Atualmente, com a ajuda da Friendship, mais de 70 % da população do Bangladexe tem a vacinação completa.

Reforçar as capacidades das comunidades

O Bangladexe está na linha da frente da luta contra as alterações climáticas. Em 2022, o país registou um recorde de inundações que mataram mais de 100 pessoas e afetaram a vida quotidiana de outros sete milhões. Entretanto, prevê-se que o impacto das alterações climáticas se agrave significativamente na próxima década.

«Em todo o mundo, é necessário analisar as crises imediatas no contexto do desafio mais importante que as alterações climáticas representam», explica Runa Khan. «Enquanto trabalhamos para proteger as nossas comunidades e os nossos países contra a COVID-19, precisamos também de refletir sobre a forma como podemos reforçar as suas capacidades para enfrentarem crises futuras», afirma.

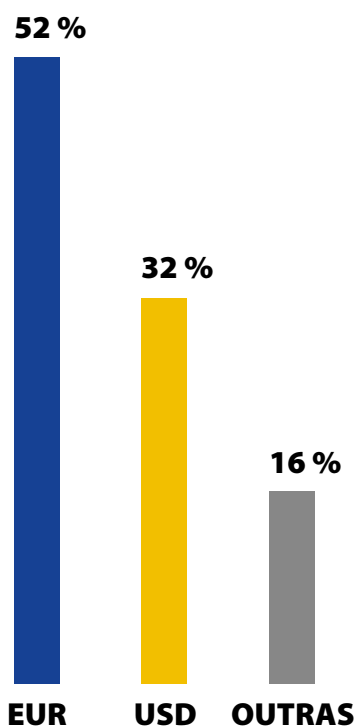
É por esta razão que a ação da Friendship vai muito além dos cuidados de saúde. A organização com fins sociais exerce a sua atividade em domínios como a ação climática e a adaptação aos efeitos das alterações climáticas, a preservação cultural, o desenvolvimento económico, a cidadania inclusiva e a educação. Proporciona, por exemplo, formação médica e ensino básico e secundário a milhares de pessoas que vivem nas «chars», entre as quais mulheres e migrantes.

«Não existe uma solução universal, é necessário avançar por etapas. O dinheiro é uma ferramenta, a tecnologia é outra», afirma Runa Khan. «Se educarmos uma aldeia, podemos mudar toda a ilha.»

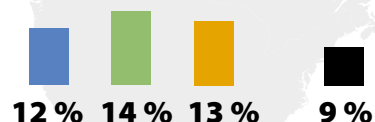
ORIGEM DOS RECURSOS DO BEI

Em 2022, o Banco Europeu de Investimento, o maior mutuante e mutuário multilateral do mundo, captou 44,3 mil milhões de EUR nos mercados de capitais internacionais, dos quais 19,9 mil milhões de EUR através de obrigações verdes ou obrigações de sensibilização para a sustentabilidade. As emissões do Banco atraem investidores que, normalmente, não investiriam na Europa, mas que contribuem indiretamente para projetos europeus ao investirem nas obrigações do BEI.

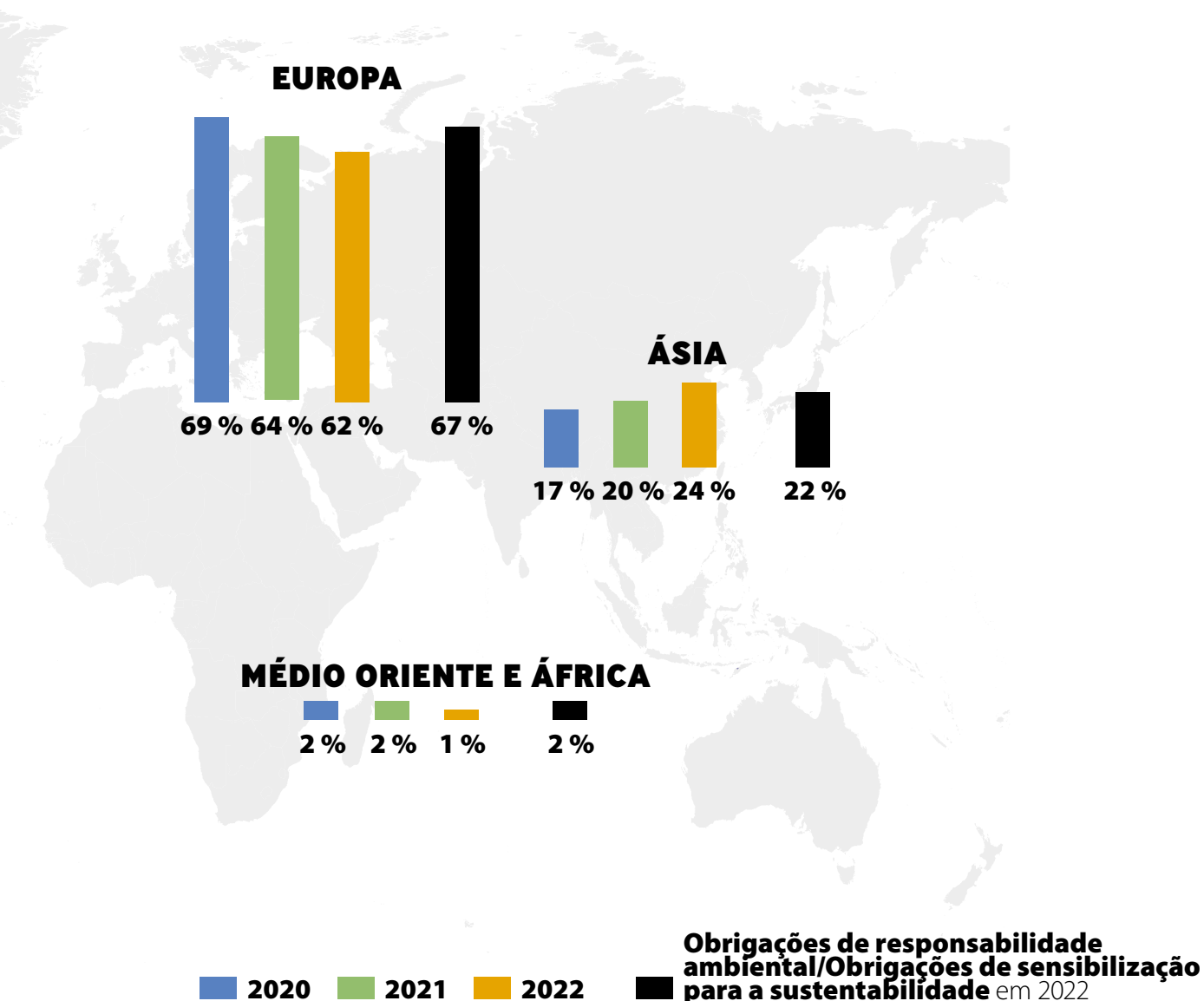
EMISSIONES POR MOEDA



AMÉRICAS



O Banco emitiu obrigações em 17 moedas, tendo captado a maioria dos fundos nas principais divisas, nomeadamente o euro e o dólar norte-americano. A diversidade das fontes e dos prazos de vencimento confere flexibilidade à estratégia do Banco em matéria de captação de recursos. As emissões multidivisas permitem igualmente ao BEI proceder a desembolsos em algumas moedas locais.



DESTAQUES DO PLANO DE ATIVIDADES DO GRUPO PARA 2023-2025

- **Mais ajuda para a Ucrânia e primazia à autonomia da UE após a invasão russa**
- **Transição dos combustíveis fósseis e apoio às regiões que dependem do carvão e do petróleo**
- **Investimentos ecológicos e digitais de risco mais elevado**
- **Mais desenvolvimento a nível mundial através da EIB Global**
- **Novas prioridades em matéria de aconselhamento, inovação e tecnologia**
- **Aumento dos empréstimos às pequenas empresas no domínio da ação climática e da sustentabilidade**

A agressão militar contra a Ucrânia obriga-nos a acelerar a ação climática e os projetos que reforçam a independência da Europa. O programa REPowerEU, que tem como objetivo tornar a Europa independente do petróleo e do gás russos, faz parte deste novo impulso. O Banco apoiará plenamente este programa da Comissão Europeia em prol da independência energética.

O Grupo BEI aumentará o financiamento destinado à transição justa para economias verdes, ajudando mais regiões com uma forte dependência do carvão e do petróleo. Uma transição justa significa ajudar as comunidades mais afetadas a encontrar indústrias novas e ecológicas e proporcionar mais formação para que as pessoas mudem de profissão.

Um dos principais objetivos do Fundo Europeu de Investimento para o período de 2023 a 2025 será o reforço da ação climática e da sustentabilidade ambiental, o que incluirá ações de formação em matéria de conhecimentos técnicos destinadas às pequenas empresas e o apoio a investidores providenciais («business angels») e a fundos de capital de risco e de *private equity*. As garantias de empréstimo do FEI prestadas a outras instituições de crédito disponibilizarão fundos para ajudar um vasto leque de empresas em fase de arranque e de pequenas empresas. No âmbito do REPowerEU, o FEI disponibilizará, entre 2023 e 2027, 3 mil milhões de EUR em investimentos em fundos próprios para instituições financeiras, destinados a financiar projetos nos domínios da eficiência energética, das energias renováveis e da inovação ecológica.

Fora da Europa, a EIB Global ajudará mais regiões a produzir eletricidade verde, a fornecer água potável, a construir instalações de saneamento modernas, a melhorar a prestação de cuidados de saúde e a travar a propagação de doenças infecciosas, e procurará reforçar o financiamento da ação climática na Ásia e na América Latina.

O Banco intensificará os serviços de aconselhamento para oferecer uma assistência técnica mais ampla, que acelere os investimentos em projetos prioritários. Os serviços de aconselhamento centrar-se-ão no apoio a projetos sustentáveis do ponto de vista ambiental e na execução do Roteiro do Banco do Clima. Este roteiro descreve os objetivos climáticos do BEI para o período de 2021 a 2025. Para cumprir estas promessas climáticas, o BEI tem de assumir mais riscos e financiar projetos tecnologicamente mais avançados, que lhe permitam aumentar o impacto do seu trabalho.

Leia a versão integral do Plano de Atividades para 2023-2025 em www.eib.org/en/publications.

GOVERNAÇÃO

O BEI é simultaneamente um organismo da União Europeia, responsável perante os Estados-Membros, e uma instituição de crédito que segue as melhores práticas bancárias em matéria de tomada de decisões, gestão e controlo.

O **Conselho de Governadores** é composto por ministros dos Governos de cada um dos 27 Estados-Membros da UE, geralmente os ministros das Finanças. Os Governadores definem as linhas de orientação da política de crédito do Banco e aprovam anualmente as contas do exercício. Têm competência para decidir sobre os aumentos de capital e a participação do Banco no financiamento de operações no exterior da União Europeia. Compete-lhes também nomear o Conselho de Administração, o Comité Executivo e o Comité de Fiscalização.

O **Conselho de Administração** toma decisões sobre empréstimos, programas de captação de fundos e outros assuntos financeiros. Reúne-se dez vezes por ano para garantir a conformidade da gestão do Banco com as disposições dos Tratados da UE e dos Estatutos do Banco e com as diretivas gerais fixadas pelo Conselho de Governadores. Compõe-se de 28 administradores titulares, designados respetivamente por cada um dos Estados-Membros e pela Comissão Europeia. Conta ainda com 31 administradores suplentes. A fim de alargar as competências profissionais disponíveis no Conselho de Administração, este pode cooptar seis peritos para participarem nas suas reuniões como assessores, sem direito de voto. Salvo disposição em contrário dos Estatutos, as decisões são tomadas por maioria de um terço, pelo menos, dos membros do Conselho com direito de voto e que representem, pelo menos, 50 % do capital subscrito pelos Estados-Membros. O Conselho de Administração é presidido pelo presidente do Banco, sem direito de voto.

O **Comité Executivo** é o órgão de decisão permanente do Banco. Assegura a gestão dos assuntos correntes do Banco e prepara as decisões do Conselho de Administração, garantindo subsequentemente a respetiva execução. Reúne-se uma vez por semana. O Comité Executivo atua sob a autoridade do presidente e sob a supervisão do Conselho de Administração. Os restantes oito membros são os vice-presidentes do BEI. Os membros, nomeados por um período renovável de seis anos, são responsáveis unicamente perante o Banco.

O Banco dispõe de um **Comité de Fiscalização** independente, diretamente responsável perante o Conselho de Governadores. Cabe-lhe fiscalizar as contas do BEI e do Grupo BEI, verificar anualmente a regularidade das operações e dos livros do BEI e certificar-se de que as atividades do Banco são consentâneas com as melhores práticas bancárias. O relatório anual do Comité de Fiscalização relativo ao exercício financeiro é apresentado ao Conselho de Governadores juntamente com a resposta do Comité Executivo. O Comité de Fiscalização é composto por seis membros, nomeados por um mandato não renovável de seis exercícios financeiros consecutivos.

O Banco Europeu de Investimento é o Banco do Clima da UE.

Saiba mais sobre as ações do BEI em prol do clima:

Clima e sustentabilidade ambiental (www.eib.org/climate)

O Banco Europeu de Investimento está solidário com a Ucrânia.

Saiba mais:

O BEI está solidário com a Ucrânia (www.eib.org/standwithUkraine)

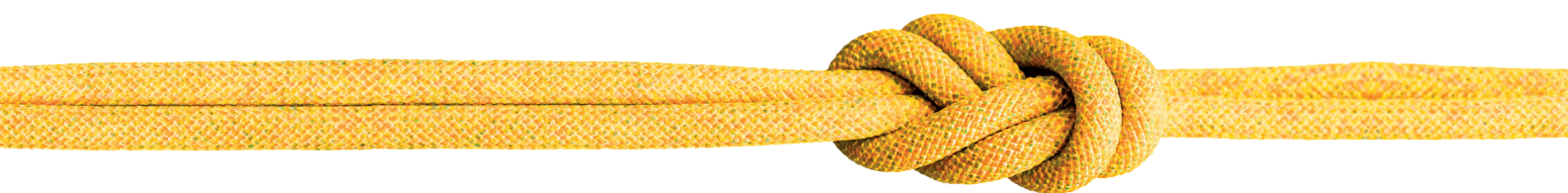
Os projetos do BEI fazem a diferença em todos os setores da economia mundial.

Mais informações:

**Todos os projetos – Financiamentos e impacto global
(www.eib.org/projects/all)**

UMA EUROPA SEGURA

RELATÓRIO DE ATIVIDADES 2022



Banco Europeu
de Investimento

pdf: ISBN 978-92-861-5431-7

PT 03/2023